COMPROMISSO

Revista do adulto cristão • 3º trimestre de 2005

Escola Bíblica Dominical

Doutrina de Deus

União de adultos

O "Jesus" das religiões e o Jesus da Bíblia



COMPROMISSO

3° trimestre de 2005
Ano XIV - N° 54

COMPROMISSO destina-se a adultos (36 a 64 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, estudos temáticos para a Divisão de Crescimento Cristão (União de adultos), educação musical e outras matérias que favorecem o desenvolvimento cristão do adulto.
Os adultos de 65 anos em diante podem, obviamente, usar esta revista, mas a JUERP destina a eles a revista REALIZAÇÃO, cuidadosamente preparada para a faixa etária da terceira idade

Escola Bíblica Dominical
Jul. Ago. Set. 2005

Publicação trimestral da JUERP
Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira
CGC(MF): 33.531.732/0001-67
Registro n° 816.243.760 no INPI

Redação
Caixa Postal, 320
20001-970 – Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (21) 2544-0304 e 2524-0382

Telegráfico – BATISTAS
Eletrônico – editora@juerp.org.br
Site – www.juerp.org.br

Direção Geral
Almir dos Santos Gonçalves Júnior

Conselho Editorial
Carrie Lemos Gonçalves, Celso Aloísio Santos Barbosa, Ebenézer S. Ferreira, Gilton M. Vieira, Ivone Boechat de Oliveira, João Reinaldo Purin, Lael d'Almeida, Lídia de Oliveira Lopes, Marcílio Oliveira Filho, Margarida Lemos Gonçalves, Pedro Moura, Roberto A. Souza, Silvino C.F. Netto e Tiago Nunes Lima

Coordenação Editorial
Solange Cardoso A. d'Almeida
(RP/16897)

Redação
Clemir Fernandes Silva

Produção Editorial
Arte Sette Marketing e Editorial Ltda.

Produção Gráfica
Willy Assis Produção Gráfica

Distribuição
EBD1– Marketing e Consultoria Editorial Ltda.
Cx Postal 28.506 – Cep.: 21832-970
Tels.: (21) 2104-0044
Fax: 0800.216768
E-mail: distribuidora@ebd-1.com.br
pedidos@ebd-1.com.br



Nossa missão: "Viabilizar a cooperação entre as igrejas batistas no cumprimento de sua missão como comunidade local"

QUEM ESCREVEU

DAVID BAÊTA MOTTA, formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (bacharelado e mestrado), formando em Psicologia (Universidade Estácio de Sá), pastor da Primeira Igreja Batista de Moça Bonita, Rio de Janeiro, RJ, é o autor dos estudos da EBD da presente edição de sua revista **COMPROMISSO**. Casado com Rosângela Motta, o casal tem duas filhas: Danielle Dias Motta e Aline Dias Motta.

PRÓXIMO TRIMESTRE

Isaías, Profeta Maior

Denúncia contra um culto hipócrita e dissociado da prática da justiça, isto é, do socorro aos mais pobres; denúncia contra autoridades e suas legislações que atendem seus próprios interesses e exploram os socialmente mais humildes, em vez de promover justiça; profecia da vinda do Messias e o estabelecimento de seu reino de paz, alegria, justiça e humildade. Estes são alguns dos temas do profeta Isaías, radicalmente relevantes para o nosso tempo, cujo livro será estudado no próximo trimestre aqui no currículo da revista **COMPROMISSO**. Aproveite esta oportunidade de conhecer e novamente estudar este maravilhoso livro, considerado uma espécie de evangelho do Antigo Testamento.

O autor de tais estudos é o Pastor Zaqueu Moreira de Oliveira, de Recife, PE.

SUMÁRIO



ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Introdução aos estudos da EBD 11

EBD 1 – Deus é único e eterno 14

EBD 2 – Deus é criador 17

EBD 3 – Deus é onipotente 20

EBD 4 – Deus é onipresente e onisciente 23

EBD 5 – Deus é santo 26

EBD 6 – Deus é amor 29

EBD 7 – Deus é salvador 32

EBD 8 – Deus é perdoador 35

EBD 9 – Deus é galardoador 38

EBD 10 – Deus é paciente 41

EBD 11 – Deus é justo 44

EBD 12 – Deus é consolador 47

EBD 13 – Deus é vida eterna 50

DIVISÃO DE CRESCIMENTO CRISTÃO

DCC 1 – Planejamento do trimestre .53

DCC 2 – O "Jesus" das religiões não-cristãs 56

DCC 3 – O "Jesus" da cristandade ...59

DCC 4 – O "Jesus" das igrejas-espetá.. culo 62

DCC 5 – O Jesus das Escrituras Sagradas............................65

DCC 6 – Igrejas: denominacionais ou independentes? 68

DCC 7 – "Busca *estratégica* de Deus" 71

DCC 8 – Espiritualidade para além das palavras.......................74

DCC 9 – Santidade é justiça.............77

DCC 10 – Piedade e justiça social hoje 80

DCC 11 – Missões: Meu compromisso com Deus..............83

DCC 12 – Missões: Compromisso da igreja 86

DCC 13 – Missões: Compromisso com a sociedade..............89

2005
Missões em um mundo sem fronteiras

VARIEDADES

1. Espaço dos leitores – *Cartas e mensagens* 4
2. Ênfase do ano – *Evangelho para todas as pessoas, apesar das fronteiras*...8
3. Hino do trimestre – "*Ouvindo de Jesus*" 10
4. Louvor e liturgia – *Adoração e louvor por meio da música*...........92
5. Ler, ouvir e compartilhar – *Metade do ano, metade da década... e as leituras?* 95

Cartas e mensagens

IDOLATRIA?

Por que alguns dos nossos livros e revistas da EBD contêm santos de barro e cerâmica? Por que prestigiar o clero e o Vaticano e, por conseguinte, a idolatria e Satanás com ilustrações de santos? Por que trazer na capa do Livro do Trimestre da EBD (Os Profetas Maiores II) obras de Aleijadinho? Na revista **COMPROMISSO** (3T04) tem como capa obras renascentistas [sic] que, apesar de terem um mérito cultural, prestigiam apenas a igreja católica, mostrando um Cristo de cabelo comprido (2T04), quando o correto seria não termos qualquer imagem de Cristo, mas tê-lo apenas em espírito.

Também já vi fotos de bispos e pessoas ligadas ao clero como fonte de ilustração da nossa literatura (1T04). Mesmo sendo pessoas boas que contribuíram com a melhoria da humanidade, por que não prestigiar então missionários ou paisagens feitas por Deus em vez de gravuras da Capela Sistina?

A Bíblia não apenas fala em adorar imagens, mas **não fazer**, e eu entendo aqui "não publicar ou prestigiar". Vocês, como formadores de opinião, têm uma grande responsabilidade nesta parte que entendo ter passado desapercebido.

Há pouco tempo, uma irmã da nossa igreja trouxe folhetos (vindos dos EUA – batistas?) com uma gravura de Cristo encravado e sangrando, bem parecido com aquela figura católica do "sagrado coração de Jesus".

Temo que isto seja desvio de doutrina e, como batista que sou, muito apreciaria ver modificações das capas dos livros e revistas para situações que realmente edificam e nada nos fazem lembrar idolatria e o catolicismo paganista.

Sugestões para capas: mostrar crianças cantando ou adultos, mostrar igrejas que crescem, pastores e missionários que realizaram bons trabalhos. Paisagens naturais, pássaros, enfim, mostrar este mundo maravilhoso e este firmamento que manifestam a glória de Deus.

Ester Evangelista da Costa
Igreja Batista de Águas da Prata, SP (por e-mail)

Nota do redator. *Prezada Ester, como cristãos e batistas precisamos, certamente, estar atentos para jamais incorrermos em atos que contrariem o ensino bíblico. Obrigado por sua carta, preocupações e sugestões, que temos procurado acatar. Gostaria de ponderar que as obras de arte da humanidade são patrimônio universal, não da igreja católica. Ao usá-las, raras vezes, para ilustrar nossa literatura,*

cremos não estar desrespeitando o princípio bíblico, pois, obviamente, não defendemos adoração ou veneração. É apenas uma ilustração.

*Na **COMPROMISSO** do 1º trimestre de 2004, todos os líderes que aparecem na capa são pastores evangélicos.*

MUITO CONTEÚDO, POUCO ESPAÇO

Sou injusto se não reconhecer o trabalho do corpo editorial da revista **COMPROMISSO** que, pela iluminação do Espírito Santo, tem elaborado lições espirituais doutrinárias e edificantes para nosso crescimento na Palavra de Deus. Estou interessado no conteúdo não na quantidade. Refiro-me ao estudo no livro de João que é completamente impossível estudar o livro em um trimestre e estudar dois capítulos do livro em uma lição da EBD, quando dispomos apenas de quarenta e cinco minutos para a lição. É muito mais ético, aconselhável e produtivo estudar apenas dez versículos de um capítulo quando se aproveitará muito mais o conteúdo.

Jessé Ferreira, por e-mail

Agradeço a Deus pelo esforço dos irmãos e demais colaboradores da JUERP pelo trabalho missionário e eclesiástico que os irmãos exercem para o povo de Deus do movimento batista brasileiro e outras denominações evangélicas.

Gosto da revista **COMPROMISSO** no seu aspecto informativo, mas acho que a igreja precisa, também, de um material que contemple o aspecto formativo.

Reconheço quanto é difícil escrever uma lição, com base em dez capítulos do livro de Ezequiel, para uma aula de aproximadamente 40 minutos. Isto é uma tarefa muito difícil, mas Deus tem colocado no coração da maioria dos irmãos uma dose generosa de paciência e amor pela JUERP e seus colaboradores.

Arnaldo Lucas Sacramento
Membro da Igreja Batista Betel de Pouso Alegre, MG

VOCABULÁRIO SIMPLES

Primeiramente tenho que reconhecer a importante publicação que é a revista **COMPROMISSO**, porém, quando comecei a estudá-la no primeiro semestre de 2004, percebi uma coisa: até a volta do nosso Senhor, o domingo continuará a ser o primeiro dia da semana, e vocês insistentemente o puseram no rodapé da revista, por último. O sábado, sim, o é.

Nossos irmãos pedem que os senhores usem palavras mais comuns no dia-a-dia. Por exemplo, na EBD do 2º trimestre de 2004, página 50 há: "...de vacilante a INTIMORATOS". Não importa mais o seu significado, mas fica nossa sugestão.

Daniel Silva
Membro da Igreja Batista do Parque São Basílio,
Rio de Janeiro, RJ, por e-mail.

Theós Yahweh Yahweh Elohim Theós Theós Yahweh Elohim Theós Theós Yahweh

A doutrina de DEUS

Foi com muita oração e disposição que avaliei o convite para escrever estas lições e me lancei à tarefa de escrevê-las. Isto pelo fato da tremenda responsabilidade que é escrever sobre Deus sem a interferência dos conceitos e preconceitos que influenciam a nossa percepção da realidade.

O homem, em todas as épocas da história, apresentou a pessoa divina cunhada com as conceituações de sua própria cultura ou invenções culturais. Por exemplo, assim que Israel entrou na terra prometida, o Deus que se revelara como Senhor passou a ter características das divindades cananéias devido à interferência humana, ficando descaracterizado em sua essência. Com isto, o culto em Israel sofreu profundas distorções. Se os responsáveis pelo culto trocavam o conhecimento de Deus pelas seduções das religiões pagãs, bem como pelos subornos que recebiam ou pelo senso de onipotência funcional, o povo, que possuía uma tendência declarada para a desobediência, seguia as orientações distorcidas dos seus líderes, e todos caíam em desgraça.

O mesmo aconteceu na Idade Média quando, em nome de um deus que pode ser tudo menos o Deus da Bíblia, foram provocadas guerras, muita gente foi torturada e morta, e o reino de Deus foi envergonhado profundamente.

Hoje a realidade não é muito diferente. O secularismo influencia a fé, criando um cristianismo de superficialidade, um cristianismo materialista, comercial, mercantil, no qual Deus precisa ser forjado com a cara dos promotores de tal sistema enganoso.

Assim, como muitos morreram vitimados pelas distorções da fé, os manipuladores da experiência religiosa ou vendedores da fé se enriqueceram com seus comércios da imagem de Deus. Entretanto não deixaram de ser julgados por seus atos, pois o Deus, perfeitamente justo, não deixa passar por inocente o culpado.

Daí, o desafio que tive e tenho ao escrever este conjunto de lições. Não é algo fácil escrever sobre Deus com a isenção necessária dos fatores gerais, quer subjetivos, quer objetivos que ficam à volta tentando influenciar nossa conceituação. Entretanto, há um senso de prazer inenarrável quando, pelo menos, se tenta fazer

isso. É assim que me sinto ao fazer vir à lume estas lições. Sinto-me responsável por escrevê-las em vários aspectos. Dentre eles cito a minha devoção e fascínio por Deus que merece toda a reverência, todo respeito. Junta-se a isto o senso de responsabilidade que passo a ter em relação à vida de cada leitor. Creio firmemente que um ensino distorcido pode fazer com que vidas venham a se perder. Creio também que ensinos bem ministrados ocasionam crescimento e ganhos espirituais indizíveis. Este último tem sido a minha meta.

PROPÓSITOS DOS ESTUDOS

Diante do que foi escrito até aqui, fica claro que o estudo da doutrina de Deus é de extrema relevância em qualquer época e em todos os lugares. Em meio à incredulidade dos hebreus, profetas foram vocacionados para mostrar a relevância da verdadeira fé, causando momentos de avivamento em Israel. Na Idade Média, outro momento da história acima citado como exemplo, Deus levantou vozes que tiveram eco na Reforma Protestante do século XVI, onde imperou o forte apelo para a volta ao cristianismo original que durante séculos sofreu distorções a partir daqueles que com astúcia enganam fraudulosamente. O mesmo Deus tem levantado pessoas nestes tempos pós-modernos, que é o nosso tempo, para apresentar a realidade da sua divindade, seus atributos, sem as marcas da interferência humana. Diante disso, os estudos a seguir se cercam de extrema relevância, daí o senso de responsabilidade ao escrever sobre este tema.

Estou convicto de que o **maior propósito** desta seqüência de lições está em harmonia com o anseio de Deus, que é o de ser conhecido como é, dentro da mediada ou da capacidade de conhecimento que nós mortais podemos ter sobre ele. Entendo que o conhecimento de Deus é, antes de tudo, experiencial. Deus deseja ser conhecido pela igreja e pelo mundo. Para isso, pessoas que o conhecem experimentalmente e que se aprofundam em tal conhecimento são de extrema relevância para a proclamação da realidade divina. Quem conhece o Deus vivo prega com vida a abundante vida disponibilizada por ele.

A cada dia mais me convenço de que Deus deseja ser Deus na igreja. Os deuses humanos, ou melhor, os que tentam ocupar o lugar de Deus, na igreja, deixam o verdadeiro Deus do lado de fora. Só que Deus é perfeitamente amor. Ele continua a bater à porta daquelas igrejas onde líderes usurparam o seu lugar. Deus bate à porta para que os fiéis que foram silenciados ouçam a sua voz, tomem a coragem da fé para abrir a porta e provem da verdadeira comunhão "eu com ele e ele comigo".

Assim sendo, o **segundo objetivo** desta seqüência tem a ver com o despertamento espiritual, com o aguçamento da percepção espiritual para ouvir o pulsar divino à porta, para abri-la, a fim de que ele entre e faça morada na igreja. Soma-se a isto o desejo de ver a igreja motivada pela ação divina a agir de modo proclamador das realidades espirituais que vive.

É natural que o conhecimento experiencial de Deus produz o cresci-

mento também na dimensão intelectual. Se o homem como um todo é imerso no universo do conhecimento de Deus, sua vida ganha muita relevância no mundo, e Deus vai sendo proclamado pelas palavras carregadas de sabedoria e por vidas que atraem outras para o universo da verdadeira e transcendente fé. Estas dimensões, agora mencionadas, formam também os objetivos das lições.

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Os textos bíblicos básicos para cada estudo devem ser lidos na íntegra, preferencialmente mais de uma vez. Devido ao espaço limitado para cada lição, os textos não serão trabalhados com profundidade exegética. O ideal é que cada igreja faça estudos prévios em grupos, sempre que possível, para o amadurecimento de cada lição bem como para sua ampliação.

2. Na medida do possível, é também importante a leitura de alguma literatura complementar. Ainda, nesta introdução geral, farei algumas sugestões de livros que podem ser lidos e que, por certo, ampliarão os horizontes limitados pelo espaço imposto a cada lição.

3. Praticamente todas as lições têm perguntas introdutórias. Elas devem ser respondidas previamente e, ao final do estudo, devem ser checadas com o fim de serem confirmadas, negadas ou ampliadas.

CONCLUSÃO

O método que usei em cada lição parte da visão do Antigo Testamento sobre Deus, destacando o desenvolvimento de cada conceito dentro dessa parte da Bíblia, bem como as novas dimensões dadas a eles por Jesus.

Alguns livros foram importantes para a feitura de cada lição. Não estarei fazendo citações bibliográficas no corpo das lições, pois preciso aproveitar ao máximo o pequeno espaço de cada estudo. Das obras que consultei e indico para leitura complementar destaco: **Teologia Sistemática**, de Charles Hodge dentre outras conhecidas. **Teologia do Antigo Testamento**, de A. R. Crabtree, **Teologia do Antigo Testamento**, de R. L. Smi-th, **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, de R. L. Harris, **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, de C. Brown são também obras literárias de fundamental importância. Acrescento o livro escrito por G. Fohrer **História da Religião de Israel**, o livro **A Fé em Israel** da autoria de H. H. Rowley, e **Deus no Antigo Testamento** que é uma coletânea de textos organizados por G. Gerstenberger. Uma leitura devocional, porém indispensável, é o primeiro volume dos sermões de Martyn Loyd-Jones que falam sobre a pessoa de Deus. São sermões bíblicos com profundos ensinos teológicos, doutrinários e que enchem a alma do desejo de conhecer mais de Deus.

Minha oração é que o Deus vivo, santo e justo abençoe a sua vida pela leitura destes estudos, com a mesma ou maior intensidade com que abençoou a minha vida na produção dos mesmos. Amém.

David Baêta Motta

Deus é único e eterno

Texto bíblico
Êxodo 15; Salmo 86; Provérbios 8

Texto áureo
Salmo 86.12

O tema "Deus vivo" é fundamental no Antigo Testamento. Outros temas como a "unicidade e eternidade de Deus" são também fundamentais e decorrentes.

Como o Antigo Testamento trabalha estes temas? Que implicações tiveram para Israel, bem como no tempo do Novo Testamento? Qual a importância deles para a igreja hoje?

Nosso objetivo é que, ao final deste estudo, estas e outras perguntas possam ser respondidas, e que o interesse pela realidade divina seja bem ampliado na vida do leitor.

O DEUS VIVO E ETERNO

Os escritores do Antigo Testamento nunca tentaram provar a existência de Deus. O pressuposto deles é o de que Deus existe! Deus é vivo, existe e se revela. Estes são princípios inquestionáveis para todos os autores do Antigo Testamento. Naquela época não se perdia tempo filosofando sobre a existência de Deus. Eles tão-somente criam. Deve-se considerar que, quando se fala em "crer", não se evoca a idéia de uma fé cega. Para eles o relacionar-se com Deus não era "dar um salto no escuro", mas "enxergar no escuro". Este último aspecto era central para a fé anticotestamentária. Somente o louco duvidava da existência de Deus. É o que diz o Salmo 14.1a: **"Diz o néscio no seu coração: Não há Deus."**

O texto áureo do Antigo Testamento sobre a existência e vida de Deus está em Êxodo 3.14, quando Deus, ao ser inquirido por Moisés sobre o seu nome, responde: **"EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós"**. "SER" significa "existir e estar". Declarando-se assim, Deus disse EU SOU O QUE SOU significando "Eu existo porque

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Êxodo 15.1-6
Terça – Êxodo 15.7-11
Quarta – Êxodo 15.12-19
Quinta – Salmo 86.1-10
Sexta – Salmo 86.11-17
Sábado – Provérbios 8.22-26
Domingo – Provérbios 8.27-31

existo", isto é, nada me faz existir; sou auto-existente e, ao mesmo tempo, sou a força de propulsão de tudo o que existe. Mais ainda, nesta tremenda revelação está atrelada a idéia de vida presente. O verbo SER significa ESTAR, como citado anteriormente. Ora, "estar" significa uma presença viva, ativa e eficaz. Isto é o que Deus prometera a Israel. O Deus vivo e eterno estaria presente no meio do seu povo todos os dias. Isto é o que Jesus também nos prometeu ao dizer que estaria conosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Quão grandes eram e são as promessas atreladas à revelação de Deus como vivo e eterno.

Dos textos básicos para este estudo, destacamos alguns versículos que apontam para a síntese acima exposta. Êxodo 15.18 afirma que "**o Senhor reinará eterna e perpetuamente**". No Salmo 86.12 Davi declara seu reconhecimento pelo nome e poder revelados: "**Louvar-te-ei, Senhor Deus meu, com todo o meu coração, e glorificarei o teu nome para sempre**". Provérbios 8.35 afirma que "**o que me achar achará a vida e alcançará favor do Senhor**". Estes, entre outros textos, têm com base a vida e a eternidade de Deus.

UNICIDADE EM MEIO À DIVERSIDADE

Tendo como pressupostos básicos e vitais a vida auto-existente de Deus, sua presença ativa e eficaz, vários outros conceitos destes primeiros foram evocados nos tempos bíblicos, dentre eles o da "unicidade".

O Deus de Israel era reconhecido como único Deus. Por exemplo, Deuteronômio 6.4 diz: "**Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor**". Em Êxodo 15.11, Moisés pergunta: "**Quem entre os deuses é como tu, ó Senhor?**" O Salmo 86.8 assevera: "**Entre os deuses nenhum há semelhante a ti, Senhor, nem há obras como as tuas**". Qual o significado dessas declarações afirmativas e proclamadoras da unicidade divina?

Consideremos o contexto religioso do Antigo Testamento. Israel viveu em meio a povos que adoravam deuses diversos. O estudo das religiões antigas revela que o politeísmo era comum naquele tempo em que os fenômenos da natureza eram explicados do ponto de vista religioso. A chuva, o sol, o mar e tudo o mais tinham deuses específicos que os governavam. Rituais diversos e mágicos eram usados para evocar a boa vontade dos deuses a fim de promover, por exemplo, a fertilidade da terra, objetivando um bom plantio e uma farta colheita. Cada parte da natureza era governada por um deus. Foi neste ambiente de diversidade que Israel forjou o conceito da unicidade divina. Ao contrário de um deus para cada parte da natureza, o Deus de Israel reúne em si todas as partes. O Salmo 24.1 afirma que "**do Senhor é a terra e a sua plenitude; o mundo e aqueles que nele habitam**". Ele é o criador de todas a coisas. Ele mesmo as sustenta e governa. Tudo ele fez com sabedoria e perfeição, pois ele é a própria sabedoria: "**O Senhor me criou como a primeira das suas obras, o princípio dos seus feitos mais antigos. Desde a eternidade fui constituída, des-**

de o princípio, antes de existir a terra" (Pv 8.22,23).

Foi mediante uma viva experiência moldada pela fé que Israel construiu o conceito da unicidade de Deus. Um texto recordativo, registrado em Isaías 64.4, dá sustentação definitiva ao princípio que estamos estudando. Fazendo um retrospecto histórico, desde a eleição de Israel até o tempo do exílio babilônico, o profeta assim se expressou: **"Porque desde a antigüidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti, que opera a favor daquele que por ele espera"**.

Portanto, a unicidade de Deus é fator distintivo que aponta para a sua singularidade e marca a sua diferença em relação às religiões daquela época.

JESUS – O DEUS ÚNICO E ETERNO

O Novo Testamento deve ser o filtro para o estudo do Antigo Testamento. Este era o entendimento de João quando escreveu a respeito de Jesus como o Verbo de Deus. Atesta ele que Jesus era o próprio Deus; era o Verbo que se fez carne e habitou entre os homens. João enfatiza que a vida estava em Jesus, portanto, era ele o Deus vivo. Ele fora o princípio ativo de toda a criação, pois **"todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez"** (Jo 1.1-14).

Nesta mesma direção encontramos o sublime texto de Hebreus 1.1-4 onde são feitas declarações sobre a divindade de Jesus, das quais destacamos ser ele herdeiro de todas as coisas, agente do processo de criação, a exata expressão do ser divino e ter recebido um excelente nome. Quanto a este último característico, a pergunta básica é: Que nome Jesus herdou? Tente responder antes de continuar.

Paulo afirma, escrevendo aos Filipenses (2.9-11), que Jesus foi exaltado e recebeu um nome excelente. Diante dele todos se ajoelharão e confessarão que Jesus é Senhor. Atente para isso: Senhor; este é o nome excelente que Jesus recebeu. A palavra grega para Senhor é traduzida do hebraico, onde "Senhor" significa EU SOU. Isto quer dizer que Jesus é o EU SOU da revelação no Sinai. Assim, Jesus é a encarnação do Deus vivo, único e eterno, o qual veio trazer vida, singularidade e eternidade positiva.

CONCLUSÃO

Grande é o nosso privilégio por pertencermos a Deus. Neste tempo de diversidade não devemos impedir a ação de Deus na igreja com os nossos conceitos, invenções e preconceitos. Devemos dar espaço para que o Deus único e eterno seja verdadeiramente o Deus único e eterno da igreja. Que sejam nossas as palavras pronunciadas por Moisés aos pés do Sinai, quando o Senhor disse que não iria no meio do povo. Moisés volta-se para Deus e diz: **"Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui... acaso não é por andares tu conosco e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra?"** (Ex 33.15,16) Como Deus anseia por igrejas que dêem espaço para que ele seja verdadeiramente Deus; por igrejas que queiram ser genuinamente igrejas de Deus.

EBD 2

10 de julho

Deus é criador

Texto bíblico
Salmo 104

Texto áureo
Salmo 104.35

O Deus vivo, único e eterno é o Deus criador. Que significado tinha isso para os hebreus, e por que é importante estudarmos ou re-estudarmos este tema?

O debate entre criacionismo e evolucionismo está longe de terminar nas escolas e em outros meios acadêmicos. Há algum meio para conciliá-los ou não? Ciência natural e fé podem dialogar, ou a tendência do nosso tempo para o secularismo será mais um obstáculo para o diálogo entre estas duas áreas do saber?

Do ponto de vista bíblico, que idéias e sentimentos decorrem da visão do Deus criador? Os questionamentos são muitos e profundos. Objetivamos neste estudo afirmar a teologia bíblica do Deus Criador, de modo a fundamentar a nossa fé, provendo as bases, inclusive para um diálogo com outras ciências.

O DEUS DE ISRAEL É O DEUS CRIADOR

Estudiosos do Antigo Testamento afirmam que do primeiro encontro dos filhos de Israel com Deus depreendeu-se o conceito do "Deus salvador". Isto significa dizer que, antes de conceituá-lo como criador, Deus era tido como Salvador, o qual com braço estendido e mão forte tirou o seu povo do Egito levando-o à Terra Prometida. Penso que isto é uma questão de ênfase. Inferencialmente pode-se pensar que, durante o tempo em que esteve no Egito, os descendentes de Jacó tiveram contatos com relatos de diversos povos sobre a criação. Seria natural que os filhos de Israel atribuíssem a criação ao Deus dos pais. Moisés, que cresceu na corte egípcia, depois do seu chamamento, por certo considerou o Deus que o comissionou como criador.

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Salmo 104.1-5
Terça – Salmo 104.6-11
Quarta – Salmo 104.12-15
Quinta – Salmo 104.16-20
Sexta – Salmo 104.21-24
Sábado – Salmo 104.25-30
Domingo – Salmo 104.31

A ênfase primeira recai sobre o Deus salvador devido aos seus atos no livramento e condução de Israel. Quando falamos em ênfase, afirmamos que os conceitos de Deus criador e salvador não eram excludentes ou totalmente separados.

Tomando como ponto de partida o fato de Moisés ter sido o escritor do Pentateuco, por que gastou tão pouco espaço para falar em Deus como criador (Gn 1 e 2), usando a maior parte para falar de Deus como salvador? Mais uma vez reafirmamos que a questão recai sobre a ênfase. A salvação era o assunto do momento, por assim dizer. Moisés sabia que Israel não desconhecia a criação como ato divino, mas conhecer Deus como salvador era um fato novo e que merecia maior ênfase. Também precisamos considerar a lógica dos conceitos: a salvação acontece dentro da história, e a história teve o seu começo através de um ato criador. Portanto, era lógico que Israel, que não era alienado no mundo, passasse a conhecer a face salvadora do Deus criador. Ou seja, a criação engloba a salvação e ambas vêm de um único Deus. Acrescentamos aqui um dado que julgamos ser importante. Houve uma época em que os dois atributos (criador e salvador) receberam a mesma ênfase por razões contextuais. Isto é visto a partir de Isaías 40, onde o atributo criador (recriar um novo Israel) é evocado para justificar a saída de Israel do cativeiro na Babilônia e para o reconduzir aos caminhos do plano da salvação.

RECONHECENDO O DEUS CRIADOR (Sl 104.1-10)

O Salmo 104 é um cântico de adoração ao Deus criador. Sua primeira parte (v. 1-10) nos remete a relatos da criação, principalmente aos de Gênesis 1 e 2. Todo o Salmo reflete a idéia de Deus como sujeito da criação. Assim, não nos ocuparemos aqui com a criação, mas com o Criador adorado neste grande Salmo.

Ligando este a outros relatos, o que podemos concluir? O versículo 7 faz alusão direta ao poder da "palavra" de Deus: "**à tua repreensão fugiram, à voz do teu trovão se apressaram**". O primordial para Israel era a pessoa de Deus como sujeito ativo da criação e a sua palavra como tendo grande poder e que agenciou e ordenou todas as coisas. Gênesis 1 faz várias menções à expressão "e disse Deus" (v. 3, 6, 9 etc.). O Salmo 148.5 fala do poder da palavra criadora de Deus: "**Louvem o nome do Senhor, pois mandou, e logo foram criados**".

À criação pela "palavra" soma-se também a criação pelo "fazer", ou seja, Deus não somente ordena e as coisas acontecem; ele põe "mãos à massa". Em Gênesis 1.26 lemos: "**façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança**". Isto significava muito para a fé em Israel. Seu Deus não é um Deus alienado, distante, um Deus que somente dá ordens à distância. Ele está envolvido com o processo criador. Ele manda e faz. Um outro fato que merece relevância na fé bíblica é a criação como produto da vontade de Deus. **"Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas"** (Ap 4.11).

Portanto, ao louvar o Deus criador reconhece-se o poder da sua palavra bem como a perfeição da sua vontade. Quanto a este último aspecto, veja o que diz Gênesis 1.31a: "**E viu Deus tudo**

quanto tinha feito, e eis que era muito bom". A criação é produto da vontade de Deus. Se tudo o que Deus fez era muito bom, depreende-se que sua vontade é sempre boa; ela é boa, agradável e perfeita. Isto precisa ser obedecido e louvado pela igreja.

EVIDÊNCIAS DA FÉ NO DEUS CRIADOR (Sl 104.11-35)

Além das demonstrações de fé acima mencionadas, Israel, ao se dirigir a Deus como criador, evidenciava outros elementos de fé que lançaram as bases sólidas para a sua existência histórica, bem como para o cristianismo. Citamos, a seguir, algumas destas evidências: 1) Deus usa, conforme seu desejo, a natureza que ele mesmo criou (v. 3,4). 2) Existe um elemento de perfeição na criação, e nada pode ultrapassar os limites estabelecidos pelo Criador (v. 2,3,5,8,9). 3) Ele ama a todas as criaturas e cuida de todas elas (v. 10-13, 16-18, 25-30), faz provisão para o ser humano feito à sua imagem e semelhança (v. 14,15,23). 4) Deus mesmo estabelece as estações e o tempo (v. 19-23), os quais estão sob sua direção.

Além disso, a criação revela a perfeita sabedoria de Deus (v. 24), e a sua superioridade sobre a ordem criada (v. 32). Isso conduziu Israel a acreditar num Deus que está acima da criação, sendo independente da mesma. Entretanto, toda a criação, inclusive o ser humano que é feitura de suas mãos, são dependentes dele, devendo estar submissos à sua vontade.

O salmista tinha razões de sobra para dizer "**Bendize, ó minha alma, ao Senhor. Senhor, Deus meu, tu és magnificentíssimo, estás vestido de glória e de majestade... A glória do Senhor seja para sempre! Alegre-se o Senhor em suas obras!... Cantarei ao Senhor enquanto eu viver; cantarei louvores ao meu Deus enquanto existir**" (v. 1,31,33).

CONCLUSÃO

Em Gênesis 1.26, o verbo "fazer" está na primeira pessoa do plural, o que significa que ali está o início da doutrina da Trindade. Vimos, na lição anterior que Jesus estava presente na criação. Ele representa, para nós cristãos, o Deus criador e re-criador. Ele nos tirou do caos original, quando estávamos mortos em nossos pecados e nos re-criou para uma nova vida. Seu Espírito pairou sobre nós, dando-nos forma e conteúdo.

Pensando na sublimidade da revelação de Deus por meio de Cristo, Paulo, inspirado pelo Espírito, declara: "**Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor; em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados; o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele**" (Cl 1.12-17).

Deus é ONIPOTENTE

Texto bíblico
2Samuel 22

Texto áureo
2Samuel 22.31

O Deus único, eterno e criador é também onipotente. Algumas perguntas preliminares são necessárias. Como Israel conceituou a onipotência divina? O que isto significou para a fé israelita e o que significa para nós?

Os seres tanto racionais como irracionais são atraídos e lutam pelo poder. Há um fascínio na idéia de poder. Afirma-se por aí que o "poder corrompe". Acrescentamos que possivelmente "o poder absoluto corrompe absolutamente".

Desde o início da história, tanto na visão bíblica quanto na visão secular, a luta pelo poder sempre esteve presente e ditando as normas de conduta das pessoas em quase todas as instâncias da sociedade. Como Israel entendeu e depositou fé na onipotência divina? Diante do fascínio e da força sedutora do poder, como devemos agir como filhos de Deus?

A ONIPOTÊNCIA DIVINA

Nesta primeira parte, queremos nos deter brevemente na origem do conceito de onipotência de Deus. Considere-se, em primeiro lugar, que os conceitos que Israel nutria sobre Deus eram resultantes de muita observação e reflexão, e geralmente estavam associados com a visão concreta do mundo. Quanto a este último aspecto, lembremo-nos que não havia espaço para abstrações naquela época. Os conceitos brotavam de observações e profundas reflexões sobre fatos e manifestações concretas de Deus. Daí o alto nível de tangibilidade na visão sobre Deus que se desenvolveu na história da religião dos hebreus.

Relembremos também que Israel não vivia alienado do mundo. Ele intercambiava com outros povos. Conceitos que já existiam, muitas vezes, há séculos, foram absorvidos por Israel e,

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – 2Samuel 22.1-6
Terça – 2Samuel 22.7-14
Quarta – 2Samuel 22.15-20
Quinta – 2Samuel 22.21-27
Sexta – 2Samuel 22.28-33
Sábado – 2Samuel 22.34-43
Domingo – 2Samuel 22.44-51

mediante a fé reflexiva, ganharam novos e singulares contornos. Este é o caso da onipotência divina.

Quando os patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó) peregrinaram na terra de Canaã, tiveram contatos com a religiosidade dos povos que ali habitavam. Observaram que em suas adorações havia uma multiplicidade de deuses, com poderes escalonados, e no pico de organização encontrava-se um deus conhecido como "el". Este era soberano em relação aos outros deuses. Entretanto, como resultado de sua observação, os patriarcas concluíram que aquele deus nunca se manifestara como o Ser divino que a eles, os patriarcas, mostrara poder. Daí atribuíram ao Deus que lhes aparecera e falara de modo audível o poder suposto no nome da divindade maior dos cananeus. Observe que eles não copiaram um modelo de culto ou assumiram o deus cananeu como deles. Da mesma forma que, séculos mais tarde, Paulo, ao chegar em Atenas, deparando com um altar dedicado ao "deus desconhecido", proclamou o Deus verdadeiro, os patriarcas assumiram que o verdadeiro "el" era aquele com quem eles se relacionavam pessoalmente. Ao nome "el" acrescentaram outras expressões (epítetos), das quais destacamos "Shaddai", que significa "Todo-Poderoso". Assim, o título El-Shaddai veio a significar o Deus Todo-Poderoso. O mesmo aconteceu com o termo Yahweh (Senhor – EU SOU), o qual já era conhecido entre outros povos, mas que, para Israel, a partir da revelação no Sinai, passou a ter um singular significado, englobando, inclusive, o sentido de El-Shaddai (ler Êxodo 6.1-8).

Nestes breves exemplos, vemos o início de uma fé na onipotência divina, a qual se desenvolveu, alcançando patamares elevados de sublimidade.

O DEUS ONIPOTENTE

A fé no Deus onipotente também se desenvolveu como resultado de observações e reflexões sobre a pessoa de Deus propriamente dita e teve conseqüências fenomenais para Israel. Por exemplo, enquanto os deuses das outras nações lutavam entre si para se manter no poder, de acordo com relatos descobertos por arqueólogos, o Deus de Israel não tem concorrente. Todo o poder está reunido nele. Diz o salmista: "**Porque o Senhor é Deus grande, e Rei grande acima de todos os deuses**" (Sl 95.3). Em seu culto, Israel celebrava a onipotência do seu Deus, declarando que "**todos os deuses dos povos são coisas vãs; mas o Senhor fez os céus**" (Sl 96.5). A soberania de Deus, seu poder, que vai além das fronteiras de Israel, também era celebrado no culto: "Pois tu, Senhor, és o Altíssimo em toda a terra; muito mais elevado que todos os deuses" (Sl 97.9).

Algumas outras conclusões podemos agora mencionar como decorrência da fé no Deus Onipotente. Primeiro, o fato de ser o Todo-Poderoso dá-lhe o direito de exercer a sua vontade com total liberdade. Isto significa dizer que Deus em si mesmo decide e faz o que decide. Ele é totalmente livre de limitações que poderiam impedi-lo de exercer o seu querer. Junto a isto, o senso de onipotência torna Deus independente de qualquer outro poder existente ou que se acredita existir. Ele não luta por

poder; ele é o próprio poder. Mais ainda, seu poder é imensurável e por isso é infinito. Nada foge às possibilidades do seu poder, pois para o Deus Todo-Poderoso não há "impossíveis".

Quando Moisés apresentou a Israel o mandamento de não ter outros deuses diante do Senhor (Ex 20.3), uma das várias conclusões é que diante da onipotência singular do Deus que agia concretamente a favor do seu povo, seria um ultraje, ao seu poder, qualquer pessoa do seu povo assumir para si outro deus qualquer.

O que o povo de Deus deveria fazer era se submeter à onipotência divina, pois dela dependia a sua existência. Esse relacionamento existencial é que conduziria Israel a ir mais e mais às profundezas do Todo-Poderoso.

ENTRE VÓS NÃO SERÁ ASSIM

Não é apenas no Antigo Testamento que se fala do Deus Todo-poderoso. Há textos no Novo Testamento que também invocam e reconhecem este atributo divino (2Co 6.18; Ap 1.8; e outros) e o aplicam a Jesus. Por exemplo, os discípulos de Cristo ficaram pasmados, atemorizados e maravilhados, quando a natureza que parecia indomável se acalmou diante da voz de poder de Jesus (Mc 4.41; Mt 8.27; Lc 8.25).

O Novo Testamento revela Jesus como a encarnação do Deus Todo-poderoso. Após a ressurreição, Jesus disse aos discípulos que nele estava reunido todo o poder nos céus e na terra (Mt 28.18). Em 1Coríntios 1.24, Paulo classifica a Cristo como poder e sabedoria de Deus.

Como os discípulos de Cristo deveriam agir diante do Todo-poderoso? Esperava-se que fossem de todo submissos e que lançassem mão do poder disponível (para todo aquele que crê). Entretanto, houve momentos de oscilação neles como acontece também conosco. Num desses momentos houve uma acirrada disputa entre eles devido ao fascínio do poder (Ler Mc 10.35-45; Lc 22.24ss). Jesus, com a sabedoria profunda, acalma-lhes os ânimos e faz uma observação que deve ser normativa também para nós: "**Não será assim entre vós, mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal**" (Mt 20.26). Ao dizer "**não será assim entre vós**", Jesus ensinou a eles e ensina a nós que o verdadeiro servo não luta por poder. Ao contrário, submete-se ao Todo-poderoso, e quanto mais se submete, mais poder recebe. O povo do Todo-poderoso Deus precisa ser diferente, ou melhor, sempre será diferente.

CONCLUSÃO

A singularidade do Todo-Poderoso deveria ser relevante para a igreja. Num tempo em que igrejas, denominações e outros ramos do cristianismo se dividem devido à luta por posição e poder, num tempo onde há uma indústria crescente de "mal-estar" para justificar individualismos e isolacionismos religiosos, num tempo como este, os cristãos de verdade, ou seja, aqueles que não se deixaram envenenar pela sedução do poder, devem orar incessantemente, a fim de que os homens se abram para o poder que satisfaz a alma, aquele poder que emana do Deus que é onipotente. Amém.

EBD 4
24 de julho

DEUS É ONIpresente ONIsciente

Texto bíblico
Salmo 139

Texto áureo
Salmo 139.14

O Deus onipotente é também onipresente e onisciente. Estudaremos hoje estes dois atributos. A meta é apresentar a origem desta maneira de pensar de acordo com o Antigo e o Novo Testamentos, enfatizando como a igreja deve se posicionar diante da presença e conhecimento divinos.

Leia o texto básico e responda: o que significava para Israel falar da onipresença e onisciência de Deus? Destaque também no texto os versículos que apontam para estes dois atributos. Feito isto, leia os comentários a seguir.

O DEUS DE ISRAEL É ONIPRESENTE

Informamos, no estudo anterior, que Israel construía seus conceitos refletindo sobre os atos concretos do Senhor. Num tempo em que cada povo tinha um ou mais deuses, na maioria dos casos deuses nacionais, isto é, limitados espacial, fisica e geograficamente, construir o conceito de um Deus que vai além dos fatores acima assinalados era sobrenatural. Era preciso uma fé ousada para dizer: "**Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que o céu, e até o céu dos céus, não te podem conter**" (1Rs 8.27). Isto aponta para a crença na transcendência ilimitada de Deus. Não somente a terra é pequena para contê-lo; até mesmo o universo criado é insuficiente para isto.

Uma vez que Deus é maior que a criação, sua presença não pode estar limitada pela obra criada. Afirma o profeta Jeremias que ele é Deus de perto e de longe. Sua presença enche a terra e o céu: "**Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor. Porventura não encho eu o céu e a terra? diz o Senhor**" (Jr 23.23,24). Amós assevera que ninguém consegue se esconder da presença do Senhor. Podem tentar no mais

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Salmo 139.1-3
Terça – Salmo 139.4-6
Quarta – Salmo 139.7-10
Quinta – Salmo 139.11,12
Sexta – Salmo 139.13-16
Sábado – Salmo 139.17-22
Domingo – Salmo 139.23,24

profundo abismo, no cume do Carmelo, ou no fundo do mar. Entretanto, do Deus de perto e de longe, do Deus que enche todas as coisas, do Deus que está presente em todos os lugares não há como se esconder. É exatamente isto que Israel celebrava nos cultos quando relevava e colocava fé naquilo que chamamos de onipresença divina. O ser humano não pode fugir do Espírito divino. O seol (as profundezas onde habitam os mortos), as alturas, as asas da alva, as extremidades do mar, as trevas, nada pode ocultar o ser humano da presença transcendente de Deus (Sl 139.7-11). Era uma reflexão tão profunda e sublime que conduziu o salmista exclamar: **"Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; elevado é, não o posso atingir"** (v. 6).

Onipresença aponta, portanto, para o fato de Deus ser ilimitado espacial e fisicamente. É um indicativo de sua soberania quanto a estas dimensões citadas. Significa que Deus é "Todo-presente". Ele pode agir de modo diferenciado em lugares díspares ao mesmo tempo. Nada pode limitá-lo.

Assim, Israel deveria reverenciar o Deus Todo-presente não somente no templo em Jerusalém, mas em qualquer lugar, pois em todo e qualquer lugar Deus está presente. Também, onde estivesse ou aonde fosse, Israel deveria temer a presença divina, pois suas atitudes atrairiam bênção ou castigo de acordo com as circunstâncias.

O DEUS DE ISRAEL É ONISCIENTE

Israel também acreditava que Deus conhecia todas as coisas. Nada existe que possa limitar o conhecimento de Deus tanto de si mesmo quanto de tudo o que existe. Exemplos disto são dados no salmo em estudo. Deus sonda e conhece a nossa vida. Ele esquadrinha o nosso andar, conhece todos os nossos pensamentos antes mesmo de serem pronunciados (v. 1-5). Na plenitude do seu saber, afirma o salmista que Deus acompanhou e conhece todo o processo de nossa formação física, psíquica e espiritual. Extasiado com o conhecimento divino, o salmista exclama: **"Eu te louvarei, porque de um modo tão admirável e maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem"** (v. 14).

Israel não especulava quanto ao conhecimento de Deus. Por exemplo, não havia conflito entre onisciência e vontade de Deus. Podemos perguntar sobre determinado acontecimento, principalmente quando é algo desagradável: se Deus sabia que tal coisa iria acontecer, por que, então, permitiu? Israel acreditava que onisciência e vontade nunca se chocariam na perspectiva divina. A vontade de Deus é soberana e não definitivamente determinativa. Tanto é que de algum modo, que não é dado ao ser humano o direito de saber como acontece, o Deus soberano pode deixar de fazer o que a sua vontade determinara. Ezequiel informa que Deus deixaria de destruir a cidade, se achasse alguém que se pusesse **"na brecha perante mim por esta terra, para que eu não a destruísse"** (Ez 22.30,31). Deus em seu pleno conhecimento sabia o que iria acontecer. Mesmo assim, abriu espaço para que sua vontade fosse mudada, caso achasse alguém verdadeiramente fiel que movesse seu coração e vontade. Isto é um mistério profundo demais para

a mente humana. Diante de algo desta dimensão, façamos nossas as palavras do salmista: "**Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; elevado é, não o posso atingir**" (v. 6).

Importante aqui é relacionar a onisciência e vontade de Deus com a obediência humana. Diante da perfeição da vontade Deus, um Deus cujos caminhos e pensamentos são mais elevados que os caminhos e pensamentos humanos (Is 5.8,9), o ser humano deve responder com uma contínua atitude de obediência. Tal atitude resolveria toda e qualquer dificuldade quanto ao entendimento dos atos de Deus e do próprio Deus, até mesmo aqueles obscuros à mente humana. Obedecer é assumir uma atitude de submissão ao Deus que trabalha a favor dos que nele esperam.

ONIPRESENÇA E ONISCIÊNCIA NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento enfatiza tanto a onipresença quanto a onisciência de Deus. Por exemplo, ao ser interrogado pela mulher samaritana sobre o local propício de adoração, Jesus responde: "**Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade**" (Jo 4.24). A resposta de Jesus era harmônica com a crença na onipresença comum no Antigo Testamento. Pessoas que acham que devem subir a determinados montes para orar por sentirem ali a presença de Deus e criam um sistema místico de oração nos montes, tais pessoas pecam por desconhecer ou não reconhecer a onipresença divina.

Hebreus 1.3 fala de Jesus como sendo o sustentador de tudo. Esta afirmativa é mais um demonstrativo da divindade de Cristo. Ele não podia exercer a onipresença, circunstancialmente, em função das limitações impostas pela forma humana. Entretanto, não raro encontramos expressões sobre ele, as quais afirmavam seu conhecimento dos pensamentos das pessoas (Mt 9.4; 12.25). Isto mostra a sua onisciência. Também diz que onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome aí ele estará no meio deles (Mt 18.20). Em Apocalipse achamos em vários momentos a afirmativa "conheço as tuas obras". Este conhecimento, dentre outras possíveis interpretações, é o perfeito entendimento que Deus tem das motivações das pessoas. Em seu pleno conhecimento, Deus sabe se estamos fazendo algo por motivações certas (glorificar o seu nome) ou por motivações erradas (satisfação do nosso ego). Assim, junto a outras passagens neotestamentárias, vemos que os temas "onipresença e onisciência" estão presentes também nesta parte da Bíblia.

CONCLUSÃO

Uma palavra comum hoje em dia é "motivação". Como cristãos não deveríamos deixar de estar preocupados com a motivação cristã. O que nos move para o exercício de todos os ministérios nas igrejas deveria ser a glória de Deus. Pessoas enganam pessoas, mas não enganam a Deus. Este, em seu Todo-conhecimento e na plenitude do seu saber está atento àquilo que homens e mulheres vêem e àquilo que está oculto aos olhos humanos. Consideremos com todo o cuidado o Deus onisciente e onipresente. Lembremo-nos destes atributos que devem nos causar temor e tremor.

EBD 5

31 de julho

DEUS é Santo



Texto bíblico
Levítico 11; Salmos 77 e 78

Texto áureo
Levítico 11.44,45

Considero o tema Deus santo como um dos mais fascinantes da Bíblia. Hoje nos ocuparemos dele, objetivando o seu entendimento e a sua aplicação para a igreja que vive os desafios dos dias atuais. O que os hebreus expressavam ao atribuírem a Deus o conceito de santidade? Que efeito causava isto na vida do povo eleito? O que fazer hoje diante do apelo à santidade? Leia os textos bíblicos básicos para esta lição, os quais remeterão a outros textos bíblicos também de muita importância na abordagem do nosso assunto.

SANTIDADE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os textos bíblicos fundamentais para este estudo apresentam uma visão que aponta para a santidade de Deus como referencial de conduta a ser seguido. Em síntese, Levítico 11 descreve o cuidado que se deve ter com o corpo pela ingestão de alimentos puros. Os animais limpos ou puros, segundo a classificação levítica, eram separados para o bem, isto é, serviam como alimento e como oferenda a Deus, ao passo que os animais impuros eram separados negativamente, ou seja, eram rejeitados, eram um tipo de anátema, ou consagrados para a destruição. A classificação em puro e impuro não era meramente uma separação formal. Mais do que isto, tinha uma representação espiritual e moral, pois os animais puros representavam ou simbolizavam a vida do ofertante israelita. Observe que os versículos finais de Levítico 11 (v. 43-47) relacionam tudo o que foi antes estipulado com a natureza santa de Deus. A obediência às regras morais e cerimoniais de santidade, em seu sentido amplo, habilitava o povo à comunhão com o Deus santo.

Se Levítico 11 destaca a santidade, tendo ressaltado os cuidados físicos, o Salmo 78 fala do interior, isto é, fala da alma. Destaca a disposição interior para

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Levítico 11.44,45
Terça – Salmo 77.1-12
Quarta – Salmo 77.13-20
Quinta – Salmo 78.1-18
Sexta – Salmo 78.19-37
Sábado – Salmo 78.38-58
Domingo – Salmo 78.59-72

a obediência ou desobediência, segundo exemplos da história de Israel, sumariada no referido salmo. Obediência e desobediência são disposições interiores que, obviamente, tanto podem agradar como podem ferir a santidade de Deus. Os versículos 40 e 41 declaram que a desobediência voluntária é um atentado contra o Deus santo.

Já no Salmo 77 ressalta a angústia espiritual do ser humano. Retrata a vivência de uma espécie de crise espiritual e existencial de angústia. Entretanto, há uma progressão maravilhosa neste Salmo, progressão esta que vai da angústia ou desespero à certeza da fé. O trajeto é sublinhado pela visão da santidade de Deus (v. 13) que ensina ao homem que a vida santificada é fundamental para que se possa empreender uma caminhada vitoriosa.

DEUS É PERFEITAMENTE SANTO

Das considerações feitas acima, concluímos que o conceito de santidade era fundamental para o povo de Israel em todos os níveis de vida, conceito este que passou às páginas do Novo Testamento. Concluímos também que o padrão estabelecido para a santidade era o ser Divino.

Quando se conceitua santidade divina como "separação", precisa-se ter em mente pelo menos duas perguntas: (1) Separado de quê? (2) Separado para quê?

Alguns princípios estão presentes no conceito de santidade. Por exemplo, o que é santo sempre deve ser tomado como inviolável. Isto atrai um outro princípio que era o do estabelecimento de limites tanto para o santificado quanto para qualquer pessoa que dele se aproximasse. Exemplo disso é que o que é considerado santo não somente se distingue do que é imundo, mas se opõe tenazmente a ele. Acrescentamos também que, neste contexto, não estamos nos referindo somente a pessoas; incluímos também objetos e lugares que também tinham o sinal temporário ou permanente de santidade.

Cremos que já é possível se chegar pelo menos a uma conclusão: santidade fala de natureza, de essência, de caráter. O Deus de Israel é santo. Samuel registra que: **"Não há santo como é o Senhor; porque não há outro fora de ti"** (1Sm 2.2). Estes e outros textos demonstram que, quando o hebreu falava do Deus santo, expressava algo mais do que um atributo. Acreditamos firmemente que a Bíblia fala da essência de Deus ou, indo mais além, cremos que fala da natureza divina. Talvez a santidade divina seja um atributo por excelência, muito embora defendemos que ela aponta para a própria constituição divina, de onde procedem todos os outros atributos. Santidade, quando aplicada a Deus, aponta para a perfeição do seu caráter, para a perfeição e inviolabilidade de sua pessoa. Por ser santo em sua natureza, Deus é separado naturalmente de tudo aquilo que é impuro. Tudo o que é profano, impuro ou imundo não combina com a sua natureza. Aproximar-se dele com atitudes ou coisas não santificadas é um atentado contra a sua santidade. Para se relacionar com ele, o ser humano precisa ser santo, e como a sua natureza é maculada pelo pecado, Deus lhe impõe regras e limites para que possa travar um relacionamento íntimo.

UM CHAMADO À SANTIDADE

O salmista apresenta um questionamento: "Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo?" (Sl 24.3). Mantendo o mesmo sentido, o Salmo 15.1 apresenta a mesma preocupação. Em Hebreus temos uma afirmativa contundente: **"Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor"** (Hb 12.14). Levítico repetidamente apela a uma vida padronizada na santidade divina ao dizer **"Sede santos como o Senhor vosso Deus é santo"** (Lv 19.2). Entendemos haver na Bíblia um chamado à santidade que vai além de uma exigência simplesmente formal. Em Hebreus 12.14 vemos que o chamado à santidade extrapola ao formal e vai ao vital. Só pode ver Deus quem permite que ele exerça em sua vida uma ação santificadora.

Jesus, em sua passagem por este mundo, provou-nos ser possível uma vida centrada na santidade divina. Ele, Jesus, foi tentado em tudo e não cometeu uma falha sequer (Hb 4.15). Assim, ele pode socorrer àqueles que falham em sua jornada santa (Hb 2.17,18).

Leia os salmos acima citados e haverá de concluir que, em suma, eles falam de santidade em seu sentido completo, ou seja, partindo do interior para o exterior. Isto significa que tanto no Antigo quanto no Novo Testamento há, pelo menos, duas atitudes que são vitais para uma vida santa: obediência e auto-apresentação. O processo de santificação não é uma simples conformação a regras estabelecidas previamente. A essência desta doutrina e da sua praticidade foi descrita por Paulo, segundo lemos em Romanos 12.1,2. Todo aquele que aceita o chamamento vital à santidade deve apresentar-se a Deus, não se conformar a este mundo e permitir a ação renovadora de sua mente feita pelo Espírito Santo. Isto exige uma leitura obediente da Palavra de Deus, assumir os compromissos com ele e ser abençoado com o cumprimento das promessas do Deus santo e fiel àquilo que promete. Realmente somos chamados à santidade, pois só pode estar diante de Deus, que é santo, aquele que foi santificado segundo os olhos do Deus santo.

CONCLUSÃO

Sem dúvida vivemos num tempo de confusão. Um tempo em que pessoas inventam padrões de santidade sem que Deus esteja presente, criando um cristianismo maculado pelas invencionices humanas.

Caso você deseje ter uma vida santa, seja obediente à pura Palavra de Deus e ore apresentando-se a ele. As coisas começarão a mudar se houver sinceridade em seu coração, pois é impossível apresentar-se a Deus com sinceridade e ele não atender. Quando você começar a ter desprazer com o pecado, sentir-se insatisfeito com o nível de vida espiritual que tem levado, quando começar a sentir mais sede de Deus e maior vontade de servi-lo e cultuá-lo, saiba que Deus está santificando a sua vida. O Deus de Israel, o Deus que veio a nós, em Jesus, é santo e deseja ardentemente santificar nossa vida. Amém.

EBD 6
7 de agosto

Deus é amor

lido

Texto bíblico
João 15; 1João 4

Texto áureo
João 15.12

No estudo anterior, estudamos sobre a santidade de Deus. Devido à perfeição da sua natureza santa, há um distanciamento de tudo cuja natureza seja impura. Assim, concluímos que há um distanciamento entre a natureza de Deus e a natureza do ser humano. A pergunta básica é: o que faz a intermediação para a aproximação do Deus santo com homens e mulheres pecadores, impuros e, com isto, afastados da presença de Deus? A resposta é simples, profunda e eternamente maravilhosa. O que cobre o abismo entre o Deus santo e o homem pecador é o amor do Senhor. Deus é amor, perfeitamente amor. Este é o assunto do presente estudo.

DEUS É AMOR

Os textos bíblicos indicados nos remetem primeiramente à necessidade de caracterizar Deus como sendo amor. Para ficar mais fácil o entendimento, vamos nos ater a alguns momentos da história de vida do profeta Oséias, conhecido como o profeta do amor incondicional.

Resumindo, relembremos que ele se casou com uma mulher com inclinações para a prostituição, a qual, em determinado momento, deixou a família e foi viver com os amantes, traindo o voto de fidelidade matrimonial. Oséias poderia legalmente divorciar-se de Gômer, entretanto procurou o caminho da reconciliação. Ele lutou pela restauração de sua família, tendo como base um amor incondicional que, por fim, prevaleceu (Oséias 1-3). Seu amor fez com que uma esposa aviltada pelos seus próprios pecados fosse restaurada.

A história deste profeta nos dá alguns referenciais sobre o amor divino nas páginas do Antigo Testamento. Destaco dois aspectos importantes. O primeiro deles é o amor como autodoação. Vemos de modo mais específico o amor de Deus na relação com o povo

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – João 15.9-11
Terça – João 15.12-16
Quarta – João 15.17-19
Quinta –1João 4.7,8
Sexta –1João 4.9-11
Sábado –1João 4.12-16
Domingo –1João 4.17-21

eleito. Basta lermos um pouco da história de Israel e depararemos com Deus se autodoando àquele povo que elege como seu.

Quando João fala do amor divino, dá destaque a este aspecto de doação de si. Leia agora João 15.13; 1João 4.9,13,14. Certamente, João tinha em mente momentos específicos da história do seu povo na relação com Deus. João sabia que Deus sempre desejou se doar a Israel, tendo em mente a felicidade nacional e o cumprimento da missão messiânica.

Um segundo característico é o amor como iniciativa. João fala que "**nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados.**" (1Jo 4.10). Isto mostra a iniciativa divina em nos amar independentemente de o amarmos primeiro. Quem tomou a iniciativa de chamar Abrão e fazer-lhe uma promessa? Quem tomou a iniciativa de renovar a promessa a Isaque e Jacó? Quem tomou a iniciativa de retirar os filhos de Israel da opressão egípcia? Quem sempre tomou a iniciativa de perdoar os muitos pecados de Israel ao longo de sua história? Quem tomou a iniciativa de libertar os judeus do cativeiro na Babilônia? Enfim, "iniciativa" é uma das características áureas do amor divino. No Novo Testamento vemos a mesma coisa. Em João 3.16 lemos sobre a doação divina do seu unigênito Filho como iniciativa para a nossa salvação. Assim, João releva, de modo categórico, o amor como iniciativa ao declarar que "**nós o amamos porque ele nos amou primeiro**" (1Jo 4.19).

CONHECENDO O DEUS QUE É AMOR

Oséias, como vimos, encarna o espírito do Deus que é amor. O profeta sofre com o seu drama familiar, entretanto não abre mão do seu amor. Impulsionado pela nobreza desse sentimento, ele vence a vergonha, vai além do que é legal (o direito ao divórcio), pois o amor lhe dá certeza da vitória final.

O amor de Deus é conhecido por meio dos seus atos demonstráveis. Sem entrar em pormenores, uma palavra hebraica que recebe várias traduções (hesed) é uma das mais fortes expressões do amor divino. É o amor fiel, persistente, benigno, gracioso. Consideremos que o amor divino é um só, mas tem várias facetas. Esta que estamos tratando aponta para o amor persistente de Deus para com Israel, formalizado na aliança feita no Sinai no tempo de Moisés, pouco depois da libertação da opressão egípcia. O amor fiel e persistente de Oséias mantendo-se firme em seus propósitos, a despeito da traição de sua esposa, representa o amor fiel e permanente do Senhor por Israel, apesar de todos os erros cometidos por este. Este amor é algo que surpreende, que atrai e que restaura, conforme afirma o profeta Jeremias: "**o Senhor me apareceu, dizendo: Porquanto com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí**" (31.3).

Duas outras palavras são aqui destacáveis. Primeiro, o conceito de que Deus é amor é obtido da história da relação de Deus com Israel. Em segundo lugar, amor não é uma das características de Deus que se descreve mas, ao contrário, é sua atividade vista em manifestações

concretas e inequívocas de sua boa, perfeita e agradável vontade.

O amor de Deus pode ser conhecido. Ele é disponível para todos. A exigência reside na obediência aos seus mandamentos. Israel deveria voluntária e prazerosamente obedecer ao Senhor. Assim, o amor divino seria experimentalmente conhecido: "**Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças**" (Dt 6.4,5).

COMUNHÃO POR MEIO DO AMOR

Todos os empreendimentos da vida, para serem implementados, precisam de um grande impulso motivacional. Não é diferente na vida cristã. Vimos, nos tópicos anteriores, fatores motivacionais na ação histórica de Deus resumidos nas atitudes de autodoação e iniciativa. João afirma que "**qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus**" (1Jo 4.7). Isto significa que, se de fato somos novas criaturas, o amor divino agora faz parte da nossa natureza tal qual faz parte da natureza do Deus que é amor. Isto demonstra o primeiro nível da nossa comunhão, qual seja a nossa natureza modificada passa a se identificar com a natureza daquele que nos amou primeiro. Tal identificação é algo crescente e faz com que reflitamos as suas atitudes neste mundo. Somos representantes vivos do amor de Deus pelas pessoas: "**Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo**" (1Jo 4.17).

Como conseqüência do amor a Deus vem o amor na relação interpessoal. É impossível amarmos a Deus e não amarmos ao próximo, visto que "**aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor**" (1Jo 4.8). João continua a afirmar que a prática do amor é demonstrativo claro de que Deus está em nós (1Jo 4.12. Ver também o versículo 16). Da mesma forma como Jesus viveu neste mundo sendo obediente ao amor do Pai, guardando os seus mandamentos e sendo vitorioso em todas as coisas, o mesmo se dará com os discípulos, caso sigam as pisadas do Mestre do amor (Jo 15.9-15).

CONCLUSÃO

Em muitos momentos, nos nossos cultos pessoais, familiares ou como igrejas, cantamos que o adorno desta vida é o amor. Temos ressaltado, em outras lições, características do nosso tempo. Ao escrever esta lição, tenho em mente várias igrejas fazendo acusações aos seus líderes, líderes que buscam glórias pessoais ao contrário de buscarem a glória de Deus, disputas entre membros de igrejas e tantas outras atitudes que são atentados contra o Deus, que é amor, e o amor divino demonstrado. Lembremos, enquanto temos tempo, que Deus é amor e que seu amor é disponível tendo em si o único poder restaurador e curador de qualquer ferida, sem deixar seqüelas. Ao término deste estudo, digamos: "**Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus**", e deixe que ele complete em você e em sua igreja a obra que ele mesmo começou.

EBD 7

14 de agosto

DEUS é salvador

Lido

Texto bíblico
Romanos 8 e 9; Efésios 2

Texto áureo
Efésios 2.8,9

O Deus, que é amor, também é reconhecido e proclamado como o Deus Salvador. Quando Adão e Eva pecaram e perderam a qualidade de vida perfeita e livre, tornando-se escravos do pecado e herdeiros da morte, Deus mostrou amor profundo por aqueles filhos desobedientes (eles e nós), e pelo seu grande amor construiu um plano de resgate. Note que o projeto de salvação é resultante do amor de Deus. Paulo afirma em Efésios 2.4,5: **"Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)"**. Aleluia! O Deus, que é amor, é o nosso Deus Salvador.

SALVAÇÃO – INICIATIVA DE DEUS

A história bíblica da salvação atesta que ela (a salvação) sempre foi iniciativa de Deus. Em todas as suas manifestações e sentidos, Deus ininterruptamente esteve na dianteira do processo. Por exemplo, o Salmo 3.8 declara que a salvação vem do Senhor. Vários textos afirmam a mesma coisa. Assim, Deus é tido como o agente desencadeador de todo o processo salvífico.

Antes de prosseguir, responda: O que é salvação? Muitos falam em salvação como sendo libertação, justificação, santificação, glorificação etc. Entretanto, se pensarmos bem, todas estas coisas são conseqüências. Em última análise, salvação significa "intervenção" ou "socorro". Pense neste exemplo: quando os filhos de Israel estavam encurralados junto ao Mar Vermelho, o fato do Senhor fazer com que as águas do mar formassem duas paredes, e os hebreus passassem entre elas, foi uma intervenção que causou livramento. Em primeiro plano vê-se o socorro ou intervenção, e em seguida o livramento. Portanto, entendemos que salvação compreende to-

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Romanos 8.1-17
Terça – Romanos 8.18-30
Quarta – Romanos 8.31-39
Quinta – Romanos 9.1-11
Sexta – Romanos 9.6-33
Sábado – Efésios 2.1-10
Domingo – Efésios 2.11-22

das as intervenções divinas em socorro e para o bem-estar do seu povo. Na terceira parte desta lição, destacarei algumas dentre as muitas conseqüências da salvação.

Esclarecemos acima que a salvação é sempre iniciativa de Deus. O primeiro contato dos filhos de Israel foi com o Deus Salvador. O Senhor saiu em socorro do seu povo e com mão forte e braço estendido agiu poderosamente na libertação daqueles hebreus escravizados no Egito. Durante toda a história de Israel, a salvação esteve sempre em relevo. Quando o povo desobedecia, Deus, mediante o seu "muito amor", levantava juízes, livrava o povo de nações opressoras, alimentava em tempos de necessidade, enfim, a imagem do Deus salvador era muito forte em Israel. Até mesmo quando não parecia haver mais esperança, Deus prometia que haveria um remanescente fiel, por meio do qual o projeto da salvação seria levado adiante: **"Também Isaías clama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque ele completará a obra e abrevia-la-á em justiça; porque o Senhor fará breve a obra sobre a terra"** (Rm 9.27,28).

JESUS – A SUPREMA MANIFESTAÇÃO DA SALVAÇÃO

Recordemos duas lições já mencionadas. A primeira enfatiza a salvação como iniciativa de Deus e a segunda realça a salvação como intervenção e socorro. Segundo o autor de Hebreus, Deus usou vários agentes para levar adiante o plano de salvação. Hebreus, como toda a Bíblia, fala da fragilidade dos agentes usados por Deus nos tempos passados e da necessidade de um agente supremo, para que a salvação fosse manifestada a todas as pessoas, necessidade esta concretizada em Jesus.

Deus fez uma derradeira e suficiente intervenção na história, num tempo por ele mesmo planejado, o qual Paulo chama de plenitude dos tempos (Gl 4.4). Neste tempo o Senhor se esvazia de sua glória espiritual e, na forma de homem-servo, entra no tempo histórico, ou seja, intervém na história da humanidade para conceder o socorro que de nenhuma outra forma poderíamos alcançar.

Ele é tentado em tudo, mas não peca, sofre, identifica-se com os humanos, toma sobre si todos os nossos pecados e, em nosso lugar, morre numa cruz, vai ao lugar de corrupção (At 2.27-31), é ressurreto pelo poder da ressurreição (Fp 3.10), e é restaurado à posição inicial (Fp 2.5-11). O mistério da salvação (Rm 8.18-30) passa a ser entendido como uma intervenção suprema, a única capaz de dar a concreta salvação a todos os que têm esperança. Segundo Efésios 2.1-10, esta salvação é fruto do incomum amor divino, amor este reconhecido como graça salvadora plena (Rm 9.6-33).

HERDEIROS DA SALVAÇÃO

Romanos 8.24 afirma que é pela esperança que somos salvos. Romanos 9.25-33 fala da universalidade da salvação quando Paulo evoca textos dos profetas Oséias e Isaías. Pessoas per-

guntam como os que viveram no tempo do Antigo Testamento foram salvos. Eles foram salvos pela esperança e por depositarem fé nas intervenções salvadoras do Senhor na história de Israel, e isto era extensivo tanto para Israel como para o estrangeiro que passasse a crer no Deus de Israel. No tempo do Novo Testamento, Jesus, expressando o grande amor do Pai, estendeu a salvação para todos os povos. Efésios 2 declara que Jesus foi o fator que ocasionou a quebra da parede de separação entre judeus e gentios. Em Cristo não há mais separação. Nele há um só povo formado por todo aquele que nele crê e que se torna herdeiro da salvação. Neste momento, em que escrevo, louvo a Deus por fazer parte deste povo. Aleluia! Sou herdeiro da salvação.

Preciso falar, como prometi acima, sobre algumas conseqüências da intervenção salvadora de Deus. De acordo com Romanos 8.17, somos filhos e herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. Devido a esta sublime intervenção divina, nenhuma condenação há pesando sobre nós, pois Jesus as assumiu por nós (Rm 8.1). Temos um novo padrão de vida que aponta para a restauração final daquela qualidade de vida perdida com Adão e Eva. A partir da experiência salvadora, passamos a andar em Espírito, vencendo a inclinação para a carne (Rm 8.1-13). Mais ainda, o Espírito testifica, e não nos deixa esquecer que somos filhos de Deus (Rm 8.16), e que algo glorioso nos está reservado pela graça salvadora do nosso amorável Deus (Rm 8.18). Romanos 8.37 afirma que "somos mais do que vencedores". Ele não fala de um triunfalismo barato pregado pelos mercadores da fé. Ao contrário, a nossa vitória não é algo superficial. Ela foi alcançada e doada a nós por um preço que ninguém teria condições de pagar. Somos supervitoriosos devido à vitória de Cristo contra o império das trevas e a morte.

De Romanos 9 e Efésios 2 destacamos algumas outras heranças. Somos filhos da aliança eterna. Recordemos que, no Antigo Testamento, salvação, promessa, aliança e esperança andavam juntas. Isto acontece também conosco. Somos herdeiros de uma promessa infalível, formalizada por uma aliança suficiente que nos dá a certeza da esperança da vida eterna (Rm 9.6-33). Temos uma relação interpessoal cristã baseada no amor de Deus. Somos concidadãos dos santos e família de Deus (Ef 2.19). Convido o leitor a descobrir e elencar outras bênçãos agregadas à vida dos herdeiros da salvação. Tudo isso se resume na nova vida que se inicia aqui e há de se consumar no céu onde o nosso Deus Salvador nos aguarda para estarmos juntos por toda a eternidade. Mais uma vez e com santa emoção exclamo: Louvado seja o nosso Deus-Salvador.

CONCLUSÃO

Como escrevi este estudo louvando ao Deus que, pelo seu muito amor, tornou-se o Salvador, desejamos concluí-lo com um hino: "Salvação Jesus me dá, com amor me guiará, para o céu me levará, tu não queres a Cristo seguir? Cristo Jesus, meu Salvador, vela por mim, vela por ti, Cristo Jesus, meu Salvador, tudo que é bom fará por ti". Amém.

EBD 8

21 de agosto

DEUS é perdoador

Texto bíblico
Romanos 3 a 7

Texto áureo
Romanos 5.8

No projeto de salvação há muitos elementos constitutivos e dentre eles destacamos o perdão. O Deus salvador é o Deus perdoador. Perdão significa remissão de pena, indulto e, num sentido mais amplo, significa libertação da culpa. Aprendemos que perdoar é esquecer. Jeremias 31.34 afirma que Deus perdoaria toda a maldade do povo de Israel e dos seus pecados não mais se lembraria. Isto poderia trazer dificuldade para nós, uma vez que é muito difícil esquecer o sofrimento. Como conciliar estas idéias? Como conceituar Deus como perdoador de modo a imitarmos esta sua característica?

O DEUS PERDOADOR

Para entendermos Deus como perdoador, faz-se necessário relembrarmos a universalidade do pecado. Em Romanos 3.9-20 há uma seqüência de "todos" e "não há um sequer", o que dá a dimensão totalizante do pecado. Isto pode ser resumido nas palavras gravadas no versículo 10 do texto citado: **"não há um justo, nem um sequer"**. O Antigo Testamento também fala deste aspecto global do pecado. Em Isaías lemos o seguinte: **"Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho"** (Is 53.6). "Todos" e "cada um" apontam para pecado como comum a todos os seres humanos. Uma vez que o pecado faz separação entre Deus e o homem (Is 59.2), cria um mal-estar na alma humana e desperta o desprazer divino, daí, o perdão é visto como fundamental, fascinante, necessário e, nalguns casos, até mesmo dolorido. Isto pelo fato do perdão ser entendido como reatamento de relações no qual acontece um processo de purificação espiritual e mental.

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Romanos 3.9-20
Terça – Romanos 3.21-31
Quarta – Romanos 4.1-25
Quinta – Romanos 5.1-11
Sexta – Romanos 5.12-21
Sábado – Romanos 6.1-23
Domingo – Romanos 7.1-25

No Antigo Testamento desenvolveu-se o correto pensar de que só Deus tem o poder de perdoar pecado. Isto não foi um aprendizado fácil, uma vez que era tendência do ser humano (e ainda o é) transferir para o ritual (ofertas e sacrifícios) o poder de perdoar. Em muitos momentos, Israel olhava o sistema sacrifical como sendo algo penitencial. Mas a diferença entre o alívio circunstancial e a necessidade de paz permanente fez a diferença. No Salmo 51 encontramos a dimensão correta do perdão. Nos versículos 1-4 o salmista entende que todo pecado fere a santidade divina. Nos versículos 5-15 há o reconhecimento das relações cortadas entre o ser humano e Deus e há uma série de rogos por uma ação restauradora da parte de Deus. A seguir, nos versículos 16 e 17 Davi faz a distinção entre ato meramente penitencial, por meio do oferecimento de sacrifícios, e o reconhecimento de que os sacrifícios são meios externos de testemunhar algo maior, que é a restauração espiritual entre ser humano e Deus, quando aquele entende que somente este último tem o poder de perdoar pecado.

Desta forma, creio que dá para entendermos que o ser humano feliz é aquele que consegue chegar ao entendimento de que somente Deus é perdoador: **"Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto"**. O Deus das páginas do Antigo Testamento é o Deus perdoador.

O PERDÃO DE DEUS MANIFESTO EM CRISTO

O universalismo do pecado é atestado também pelo apóstolo Paulo: **"Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus"** (Rm 3.23). Este versículo precede a declaração do apóstolo que coloca o perdão junto ao ato redentor de Cristo que, em sua paixão e ressurreição, gratuitamente nos justificou e nos remiu dos nossos pecados: **"Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus"** (Rm 3.24). João, tendo em mente o modelo de sacrifícios no Antigo Testamento e o sacrifício de Jesus, é eloqüente ao afirmar que é o sangue de Jesus que nos purifica de todo o pecado (1Jo 1.7). O escritor aos Hebreus (9.11-15) dá-nos relevante orientação sobre a supremacia do sacrifício de Cristo no perdão dos pecados da humanidade, em detrimento de um sistema provisório de sacrifícios que foi estabelecido no tempo do Antigo Testamento.

Ora, se o sistema de sacrifícios do tempo do Antigo Testamento com toda a característica de transitoriedade produziu o correto pensar de Deus como perdoador, quanto mais o sangue imaculado de Jesus. O sacrifício de Cristo está atrelado ao amorável ato salvador de Deus que, sabendo que o salário do pecado é a morte e que estaríamos eternamente desamparados, promoveu-nos a singular oportunidade de reflexão e entrega de vida ao único Deus perdoador.

EFEITOS DO PERDÃO DIVINO

Não podemos trabalhar o perdão divino no terreno das hipóteses ou num campo meramente teórico. Perdão é muito mais do que teoria; é experiência pessoal, é o encontro da alma do ser humano com o ser divino ávido por de-

monstrar seus sentimentos. Sendo assim, não temos um modelo tipo bula farmacêutica para padronizar as ações do perdão de Deus. Mesmo assim, precisamos de alguns referenciais que auxiliem no entendimento do perdão ativo e, para isto, devemos trabalhar no campo do sentir, ou seja, há sentimentos diversos que nos tomam quando perdoados por Deus. Por exemplo, somos envolvidos por uma paz singular. Paulo diz que, "**sendo justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo**" (Rm 5.1). Paz não significa ausência de conflitos ou tribulações, mas é a tranqüilidade não explicada pelo conhecimento humano quando estamos em meio às maiores turbulências. Paulo chama isto da paz que excede a todo o entendimento humano (Fp 4.7). Paz é um estado de harmonia com Deus produzido pela certeza de que os nossos pecados foram perdoados e que temos a garantia da vida eterna. É a tranqüilidade de saber que os nossos pecados não fazem mais separação entre Deus e nós. Lembre que Jesus tomou sobre si as nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele (Is 53.5).

Outro efeito que a Bíblia nos apresenta é a libertação. É o que nos diz Paulo em Romanos 6. Todo aquele que vive em pecado é escravo do pecado, mas quem é perdoado por Deus não está mais sob o jugo do pecado. Nele há um senso de liberdade humanamente inexplicável. Paulo chama isto de "**novidade de vida**" (Rm 6.4). O homem só se dá conta da liberdade verdadeira quando se encontra com Deus. Ele avalia todos os modelos sutis de escravidão em que estava envolvido e se sente morto para o pecado e vivo para Deus (v. 11). Mesmo tentado a cometer pecados voluntários, mesmo sabendo que continua livre para escolher, o homem prefere Deus às velhas obras da carne e se sente cada vez mais livre em Cristo para optar por ele (v. 12-23). Romanos 7 apresenta um conflito, com o qual defrontamos também, que é entre o certo e o errado, o ser e o não ser, o fazer e o não fazer. Paulo o denomina conflito do espírito com a carne. Numa hora de crise comum a todos nós, o perdão faz a diferença, pois junto aos outros referenciais, acima citados, ele funciona como um agente de inibição para a volta ao pecado. Por isso, Paulo começa Romanos 8 dizendo que não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo, para aqueles que pela força do perdão não cederam à tentação do pecado.

CONCLUSÃO

Na introdução a este estudo, fizemos uma pergunta sobre o conceito de pecado em relação ao termo "esquecimento" diante do texto de Jeremias 31.34. Vou ilustrar minha explicação. Quando menino, eu corria muito pelas ruas do meu bairro e não raras vezes caía e chegava em casa com cortes profundos no corpo. Hoje olho as cicatrizes, lembro das quedas, mas não sinto dor. Note isso: lembro das quedas, mas não sinto dor. Por quê? Porque está cicatrizado. O agente causador da dor já está curado, isto é, não tem mais efeito sobre mim. Quando aquilo que causa mal-estar no relacionamento entre o ser humano e Deus está curado, não há mais dor, e isto não vem de nós; é proveniente de Deus, o Deus perdoador.

EBD 9

28 de agosto

DEUS é galardoador

Texto bíblico
1Coríntios 3; Hebreus 11; Apocalipse 7.21,22

Texto áureo
Apocalipse 21.7

Gramaticalmente, galardão é recompensa de serviços valiosos, prêmio, honra e glória. Na Bíblia, o conceito de galardão não foge desta definição. O que se tem desde o Antigo Testamento é o desenvolvimento do conceito de galardão, como as demais doutrinas. Nosso foco será na pessoa do Deus galardoador. Desta forma, ao fazer menção de como as pessoas eram galardoadas, é necessário que se tenha em mente, para fins deste estudo, a visão bíblica do Deus que recompensa e não da recompensa recebida. A pessoa divina é o foco do estudo.

A FÉ NO DEUS GALARDOADOR (Hb 11.1-6)

Hebreus 11.6 diz que Deus é galardoador. Hebreus tem uma leitura do Antigo Testamento a partir do conhecimento de doutrinas que evoluíram, foram filtradas em Jesus e, com isto, se estabeleceram e se solidificaram. Atente para o resumo a seguir. Nos tempos do "antigamente" (Hb 1.1) havia, pelo menos, dois conceitos de galardão. Um mais primitivo, definia galardão como recompensa (boa ou má) que se cumpre no tempo de vida terrestre. Naquela época, o conceito de vida após a morte, por ser abstrato, não era de fácil entendimento em função da visão concreta da vida. O conceito que prevalecia é que tudo o que o homem semear vai ceifar nesta vida. Uma existência após a morte era algo muito complexo para eles. Daí o conceito de longevidade. O ser humano feliz é aquele que morre "**em boa velhice, velho e farto de dias**" (Gn 25.7). Sobre Davi o cronista afirma: "**e morreu numa boa velhice, cheio de dias, riquezas e glória**" (1Cr 29.28). Esta foi a sua recompensa.

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – 1Coríntios 3.1-8
Terça – Hebreus 11.1-6
Quarta – Apocalipse 7.9-12
Quinta – Apocalipse 7.13-17
Sexta – Apocalipse 21.1-4
Sábado – Apocalipse 21.5-8
Domingo – Apocalipse 22.12

Jó tem um dilema que quase o levou ao limiar da incredulidade: por que um homem que faz o bem é recompensado com um mal súbito? Seu conceito de recompensa era ligado à vida presente. A pessoa boa recebe o bem, e a pessoa má recebe o mal. Quando Deus resolveu este dilema, Jó foi de novo recompensado, e "**então morreu Jó velho e farto de dias**" (42.17).

Duas palavras importantes. Primeiro o conceito de recompensa no "aqui e agora" evoluiu para o conceito de recompensa futura. Nisto os profetas foram importantes ao interpretar situações que não tinham respostas terreais. Em segundo lugar, Deus sempre foi o agente galardoador. Independentemente da visão presente ou futura da vida, Deus graciosamente honra os que têm fé.

Todos os exemplos dados em Hebreus 11 assinalam a graça galardoadora do Senhor. Abel, por ser justo, alcançou testemunho divino, o mesmo acontecendo com Enoque. Moisés resolveu deixar os tesouros do Egito, pois tinha em vista a recompensa (v. 26). Nestes e nos demais casos Deus é graciosamente reconhecido como galardoador.

A RECOMPENSA QUE VEM DE DEUS (1Co 3.1-8)

O versículo 8 de 1Coríntios 3 diz: **"Ora, o que planta e o que rega são um, mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho".** Precisamos ver o que culminou com esta afirmativa do apóstolo Paulo. Note que Paulo está falando sobre a imaturidade dos coríntios cristãos. Eles são chamados de carnais, ou seja, pessoas movidas pelos impulsos humanos. Eles, que deveriam ser espirituais pelo tempo de vida cristã, provavam sua carnalidade por meio das contendas, invejas e dissensões (v. 2), bem como pelo fato de se gloriarem em líderes humanos (v. 9,10). Paulo aproveita esta situação para fazer uma exortação. Afirma que o galardão está atrelado ao trabalho e não ao resultado. A recompensa que vem de Deus é concedida em função da motivação e não dos resultados. O que planta e o que rega são um, e cada um receberá o seu galardão devido ao trabalho desenvolvido. O Senhor não galardoará os seus filhos pela quantidade de trabalho apresentado, mas pela motivação com que desenvolveram a missão. Isto é afirmado em 1Coríntios 3.10-15. Há pessoas que fazem a obra do Senhor relaxadamente. Outros a desenvolvem com um amor inspirador. Os primeiros edificam uma construção com madeira, feno e palha, ao passo que os outros edificam com ouro, prata e pedras preciosas. Todos passaram pelo teste do fogo. Quem teve a motivação correta verá a sua obra intacta e receberá galardão. Entretanto, quem teve motivação errada verá sua obra destruída e só por um ato da graça de Deus é que será salvo. Em tudo isto vemos a perfeita justiça de Deus em galardoar. A junção de galardão e justiça é declarada em Apocalipse: "**E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra**" (22.12). Portanto, o galardão em seu aspecto positivo é uma recompensa justa que é do Deus justo ("**meu galardão**"), e que será distribuída por ele.

O GALARDÃO E A CULPA (Ap 21.1-8)

Dissemos, no parágrafo acima, que há um aspecto negativo do galardão.

Ora, se entendemos galardão como recompensa e aceitamos a idéia que salário também é recompensa, não nos é difícil entender que o galardão do pecado é a morte. Esta é, segundo entendemos, a dimensão negativa do galardão ou, de outra forma, este é o galardão negativo.

Apocalipse 21.1-8 destaca os dois aspectos. O que tem as palavras fiéis e verdadeiras, o Alfa e o Ômega, aquele que dá gratuitamente a água viva, este Deus perfeitamente justo há de galardoar positivamente aqueles que creram nele e, mediante a correta motivação, realizaram a missão que lhes fora confiada. Com o mesmo senso de justiça, ele fará distinção entre esses cristãos e aqueles que com motivações carnais fizeram sua obra. Os que amaram o pecado também terão galardão. Quem são estes? Apocalipse 21.8 os chama de indecisos, incrédulos poluídos por crenças que ferem a santidade de Deus. Acrescenta-se a esta relação os homicidas, os que amam a feitiçaria e os que se desviam da verdade, amando a mentira em todas as suas dimensões. O galardão destes e de todos os que negam a fé é o lago que arde com fogo e enxofre, que é a morte eterna. Reafirmo que, aqueles que tiveram os pecados perdoados e a culpa cancelada, seu galardão é estar no céu eternamente com o Senhor.

A RECOMPENSA DOS SALVOS (Ap 7.9-17)

A última frase do parágrafo anterior é confirmada no texto de Apocalipse 7.9-17, que fala da visão dos mártires glorificados. A Bíblia não nos afirma como será o galardão e o que fará diferença entre os que têm mais ou menos galardão. O texto fala de vestes brancas e palmas nas mãos. Diz também de um retumbante louvor que leva todos os seres celestiais à adoração (v. 9-12). Veste branca é símbolo de purificação, ou melhor, de ausência de contaminação. Os glorificados optaram por levar uma vida santa, sem a qual ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Isto nos permite fazer uma inferência. Se Jesus, no tempo de vida na terra, foi tentado em tudo e não pecou, se a meta da vida cristã é a identificação com Cristo, creio que galardão não significa ter algum ganho na vida eterna com Deus. Creio que a recompensa dos salvos será a identificação com Jesus. Se Jesus é o padrão de santidade, e uma vez que santidade é o oposto de contaminação, aqueles que foram aprovados na "escola da santificação" receberão a recompensa por porfiarem pela identificação com o Senhor Jesus.

CONCLUSÃO

Deus é galardoador. Para nós, humanos, que vivemos sob a influência do pecado e diante do perigo da contaminação, o constante saber e sentir da presença do Senhor é fator de renúncia em função da identificação com ele.

Ao dizer a Abraão que seria grandíssimo o seu galardão, Deus fez com que mergulhasse na sua transcendência, caminhasse com ele e tivesse como meta a sua perfeição. Ter a presença do Senhor e poder se identificar com ele, pela comunhão profunda, foi o galardão de Abraão. Dar a garantia da sua presença, renovar suas promessas e enchê-lo de inspiração foi obra do Deus galardoador.

EBD 10

4 de setembro

Deus é paciente



Texto bíblico
1Coríntios 15; 1Tessalonicenses 5; 2Pedro 3

Texto áureo Lido
2Pedro 3.8,9

Uma característica básica dos nossos dias é a velocidade das mudanças. A sociedade requer a cada dia pessoas competentes e especializadas, a fim de produzir o novo com qualidade e em menor tempo. Isto influencia o comportamento humano devido às pressões embutidas no processo. O lado negativo é que pessoas passam a viver um forte clima de impaciência pelas cobranças em quase todos os níveis de vida. Um exemplo disto está na educação secular. A formação da pessoa não é algo que acontece da noite para o dia; é um processo que leva tempo. Uma vez premidos pela pressão da produtividade e da especialização, vê-se profissionais, muitas vezes, impacientes pelo fato dos seus alunos não produzirem intelectualmente de acordo com a demanda. Com isto, criam-se mecanismos que, ao contrário de formar, deformam a pessoa. Isto acontece no nível da fé? O que podemos aprender com a paciência de Deus? Como a Bíblia descreve a paciência divina?

O DEUS QUE ESPERA (2Pe 3.1-9)

O Deus que salva e perdoa é paciente e longânimo. Pedro assim se expressa: "**O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; porém é longânimo para convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se**" (2Pe 3.9). Paciência e longanimidade são sinônimas. Traduzem a idéia de "ânimo longo" e expressam a forma graciosa e misericordiosa de Deus em restringir sua indignação no trato com o homem pecador.

Um exemplo é aquele acontecido no início da história de Israel. O po-

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – 1Coríntios 15.50-54
Terça –1Coríntios 15.55-58
Quarta –1Tessalonicenses 5.1-6
Quinta –1Tessalonicenses 5.7-11
Sexta –2Pedro 3.1-6
Sábado –2Pedro 3.7-12
Domingo –2Pedro 3.13-18

vo que contemplara as maravilhas do Senhor, que com mão forte e braço estendido o tirou do Egito, não parava de murmurar ao primeiro sinal de insatisfação. Israel chegou a forjar para si um bezerro de ouro em plena afronta ao Senhor, tornando-se alvo do desprazer divino. Moisés intercede pela longanimidade de Deus. Deus, que é paciente, afirma que não vai deserdar o povo e, como prova disto, restaura a aliança quebrada e promete fazer coisas maiores ainda (Ex 33.10). Deus é longânimo. Ele sabe que a nossa formação espiritual não acontece como algo mágico. A educação religiosa é processual. Para se conhecer a realidade espiritual, é preciso muita comunhão com Deus, o que leva o cristão a passar por um longo e permanente processo de quebrantamento. Como tenho dito, não é algo que acontece da noite para o dia, daí a necessidade da paciência humana e do entendimento da paciência do Deus que espera. O Senhor acredita na mudança do ser humano. Daí a sua longanimidade.

O texto de 2Pedro 3.1-9 fala dos falsos mestres que argumentavam de forma errada sobre a segunda vinda de Jesus. Diziam eles que nada mudou desde os dias da criação e que não haveria julgamento (v. 4). Contradizendo-os, Pedro afirma que o dia do juízo ainda não aconteceu porque Deus é longânimo. Ele está dando tempo para que todos se arrependam, pois é seu desejo que ninguém se perca. Pedro afirma que Deus é fiel àquilo que prometeu fazer mas, antes de tudo, é fiel ao seu amor. Por amar o pecador, dá oportunidades para que se converta. Ele é o Deus que espera, o Deus das misericórdias que se renovam.

COMO DEVEMOS ESPERAR POR DEUS (2Pe 3.10-18)

Diferente dos falsos mestres, homens incrédulos que, para satisfazer as suas teorias, distorciam as promessas do Senhor, o cristão deve estar atento à inesperada vinda do Senhor: "**Virá, pois, como ladrão o dia do Senhor**" (v. 10). A expectativa deve envolver a santificação, a piedade (v. 11), e uma ação dinâmica: "**aguardando e desejando ardentemente a vinda do dia de Deus**" (v. 12), isto é, estar em harmonia com o ideal de Deus de conversão do maior número possível de pessoas. Assim, é ordenado ao cristão que participe da longanimidade divina: "**e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor**" (v. 15), apressando a vida do Senhor mediante a proclamação do evangelho. Junta-se ao fato do cristão ser exortado ao cuidado de si o ter atitudes, a fim de ser achado em paz, imaculado e irrepreensível quando Cristo se manifestar em sua derradeira vinda (v. 14).

O crescimento na graça e no conhecimento do Senhor Jesus (v. 18) é imprescindível para aquele que espera pelo Senhor. As pressões e tentações acontecerão. Insubordinados mestres com ensinos atraentes e sutis tentarão fazer com que venhamos a cair da fé (v. 17). Mas aquele que está firme no Senhor não se deixa iludir, pois está atento às orientações preventivas que são dadas.

A FIRMEZA NA ESPERA PELO DIA DO SENHOR (1Co 15.50-58)

Pedro falou de pessoas que deturpavam o ensino paulino, induzindo ou-

tros ao erro mas, acima de tudo, fazendo distorções que levariam a si mesmos à destruição. Em momento algum Paulo falou contrário à vinda de Cristo ou deixou margem para falsas suposições. Paulo vivia uma grande e positiva ansiedade pela volta do Senhor. Em 1Tessalonicenses 5.1-11 ele ensina sobre a vigilância, diante da repentina volta do Senhor, o qual surpreenderá a muitos, sejam cristãos ou não. Quando as pessoas disserem que há segurança e paz, quando estiverem distraídas com as coisas da vida (1Ts 5.3), o Senhor se manifestará para emitir juízo e justiça. Os filhos da luz, chamados por Paulo de "nós que somos do dia" (1Ts 5.8), revestem-se da couraça da fé e do amor, tomam o capacete da salvação e esperam a manifestação do Senhor.

Com esta visão límpida da vinda do Senhor, Paulo entende que, em sua longanimidade, Deus quer o firme trabalho cristão a fim de que muitos se salvem: "**Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor**" (1Co 15.58). Diante dos falsos ensinos, diz Paulo a todos nós: sejam firmes, não esmoreçam em sua fé, não se deixem seduzir por quem têm o salário do pecado assegurado. Firmeza exige constância, isto é, não se deixar abalar por quaisquer circunstâncias. Os que são seguros e inabaláveis não são estáticos. Ao contrário, são abundantes na obra do Senhor. Os ímpios são abundantes na obra do diabo. Eles desperdiçam energia em fazendo o mal a si mesmos e aos outros. Os cristãos devem ser muito mais abundantes do que o ímpio. Ora, se eles são intensos em sua obra maligna, muito maior deve ser a nossa intensidade na obra do Senhor.

O cristão tem duas certezas em especial. A primeira é a certeza de que, quando Cristo se manifestar, num momento, num piscar de olhos, os fiéis serão transformados (1Co 15.51,52). O que é corruptível receberá a incorruptibilidade, e o que é mortal será revestido da imortalidade (v. 53), e estará eternamente com o Senhor. A segunda certeza é a de que agora, em vida, a morte não mais tem domínio sobre ele. Na certeza da fé pode declarar: "**Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?... Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo**" (v. 55-57).

CONCLUSÃO

Infelizmente muitos não estão dando a devida atenção à volta de Jesus. Por isso há, entre nós, muitos enfermos na fé. A igreja precisa dar atenção à volta de Jesus, ao contrário de ficar pregando um triunfalismo falso e uma prosperidade insípida voltados para o tempo presente. Igreja, esteja alerta, pois quando estiverem pregando paz e prosperidade sem conteúdo de fé, o Senhor se manifestará. Prepare-se, pois, num piscar de olhos, os céus se abrirão, e o Senhor se manifestará em glória. Só os que acreditaram na longanimidade do Senhor, que aceitaram o Salvador Jesus, que se lançaram incansavelmente na tarefa de comunicar o evangelho salvador, só os que forem firmes, constantes e abundantes, somente estes passarão pela porta estreita, e estaremos eternamente com o Senhor.

EBD 11

11 de setembro

DEUS



Texto bíblico
Salmo 76; Romanos 1 e 2

Texto áureo
Romanos 1.17

A justiça divina é tema normativo na Bíblia Sagrada. A partir de sua natureza imaculada, Deus sempre desejou que os seres humanos tivessem uma relação interpessoal sadia, em que deveria prevalecer o respeito mútuo a partir do reconhecimento do direito de cada um. A Bíblia é a carta magna de toda a humanidade. Os preceitos retos, invariáveis e santos estão nela para dar sentido à vida. Como você conceitua justiça e de que forma aplica tal conceito a Deus e a sociedade? Junto a isto, responda: como a igreja tem encarado esta questão, ou seja, ela tem se preocupado em cultivar a justiça interna e externamente?

O DEUS JUSTO (Sl 76)

Nas páginas do Antigo Testamento, o termo justiça, ao ser aplicado a Deus, tem em especial duas vertentes entre outras possíveis. A primeira aponta para a excelência moral de Deus. Por exemplo, quando o salmista declara que o Senhor é justo (119.137), dá ênfase à perfeição moral do Senhor. Justiça é sinônimo de retidão. Deus é reto, perfeitamente reto. Os exemplos do nosso mundo são insuficientes para expressar a sublimidade da retidão divina. Um profissional pode fazer com que uma determinada superfície pareça reta a olho nu. Entretanto, por melhor que seja o trabalho do profissional, colocando aquela superfície aplainada diante de um equipamento que possa aumentar em muito o grau de visibilidade, certamente algumas ondulações aparecerão. Com Deus é diferente. Ninguém jamais verá alguma "ondulação" (marca, mácula, erro etc.) no caráter dele. Se os termos excelência e perfeição podem nos dizer algu-

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Salmo 76.1-12
Terça – Romanos 1.1-7
Quarta – Romanos 1.8-15
Quinta – Romanos 1.16-23
Sexta – Romanos 1.24-32
Sábado – Romanos 2.1-11
Domingo – Romanos 2.12-16

ma coisa que vai além do natural, então tais termos são aplicados ao Deus justo com pertinência.

A segunda vertente, que é conseqüência desta primeira, aponta para a retidão de conduta. O salmista afirma que "**Porque o Senhor é justo, e ama a justiça; o seu rosto está voltado para os retos**" (Sl 11.7). O Salmo 76 fala da majestade e glória do Senhor, ao mesmo tempo em que celebra a sua justiça em livrar Jerusalém de uma ação planejada pelos imperialistas e opressores assírios. (O império assírio foi um dos mais violentos e injustos da história da humanidade e dominou o mundo conhecido de então por cerca de 500 anos, vindo a ruir no ano 614 a.C.). O salmista entendeu que o Deus da excelência moral só pode ter uma conduta também excelente. É o mesmo que dizer que o Senhor é reto em si e correto em suas atitudes. Acrescentamos também o fato de o Senhor ter o seu rosto voltado para os que amam a justiça. Isto aponta para o ideal divino de retidão na relação que os seres humanos desejam manter com ele e da retidão ou justiça na relação interpessoal. Portanto, de acordo com a Bíblia, Deus é perfeitamente reto em si, e perfeitamente correto em tudo o que faz.

O DEUS JUSTO REQUER OBEDIÊNCIA IRRESTRITA E MORALIDADE EXCELENTE (Rm 1.5; 26-2.16)

Deus sempre desejou que as pessoas fossem retas em suas atitudes. As injustiças que são cometidas em igrejas que se levantam contra seus líderes espirituais, atitudes pecaminosas, outras que norteiam e ferem o princípio da convivência cristã maculam o ideal divino da comunhão. A igreja precisa urgentemente rever suas atitudes. Precisa reler sobre a justiça divina e sobre os ideais do Senhor na relação interpessoal cristã. Se a igreja não se repensar em regime de urgência, urgentíssima, sua relevância no mundo tenderá a se extinguir.

O Deus justo requer obediência irrestrita e moralidade excelente. Romanos 1.16,17 afirma que o evangelho revela a justiça de Deus, a qual é aquiescida de fé em fé. Ao mesmo tempo afirma que o evangelho é o poder de Deus para a salvação. O evangelho é o único poder capaz de causar transformação moral no indivíduo. Nada pode fazer o que o evangelho faz. O cristão verdadeiro é aquele que, pela obediência irrestrita ao Senhor, se lança à tarefa de cultivar uma moralidade que prima pela excelência. É bom que se diga que a excelência divina é a meta. É impossível que o ser humano chegue à perfeição do Todo-Poderoso. Entretanto, fitando os olhos em Jesus, como Paulo orienta os filipenses, "**naquela medida da perfeição a que já chegamos, nela prossigamos**" (3.16).

A obediência da fé (Rm 1.5), à qual fomos chamados, não é uma obediência cega. Ao contrário, é uma obediência que vem por meio da comunhão com Deus, o que conduz a pessoa a examinar as Escrituras, ver e rever suas atitudes, analisar todas as coisas e reter aquelas que edificam. Os que desprezam o conhecimento existencial de Deus andam nos caminhos da depravação moral e são entregues pelo Senhor à disposição mental reprovável deles (Rm 1.26,28). Não há desculpas para eles (Rm 2.1). Os injustos declarados bem como aqueles que encobrem suas injus-

tiças, julgando os atos errados dos outros, todos eles receberão o prêmio da injustiça. Os que perseveraram em fazer o bem, isto é, os que primaram por se identificarem com a justiça divina receberão o prêmio da justiça. Obediência e moralidade excelente são inalienáveis na verdadeira vida de fé.

O DEUS JUSTO REQUER HONRADEZ E FIDELIDADE (Rm 1.18-25)

A injustiça, ou seja, pensamentos e ações que contrariam a retidão divina, muitas vezes chega à igreja de modo sutil e sedutor. É alarmante o número de grupos que dizem ser igrejas e que não trabalham a transformação moral do indivíduo nem da sociedade. Tal qual acontecia entre os romanos (1.18-27), nossa sociedade tem perdido sistematicamente os seus referenciais de moralidade e retidão. Pior que isto, igrejas que deveriam ser coluna e esteio da verdade, agora, movidas pelo mercantilismo da fé, deixam-se seduzir pelos, muitas vezes, sutis padrões moralmente frouxos da sociedade, e criam um tipo também frouxo de fé, onde impera o "vale tudo". São igrejas que, idênticas ao mundo corrompido, "**trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura antes que ao Criador**" (v. 25). Padrões injustos de pensamento e comportamento não são aceitáveis no universo da verdadeira fé. Quem assim age fere a justiça divina e se torna alvo da sua justa retribuição: "**Pois do céu é revelada a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça**" (v. 18).

Paulo afirma que Deus não cometerá nenhum ato que deixe qualquer sombra de injustiça. Sua ira, seus juízos e punições são corretos, conforme temos estudado. Assim, pessoas que negam o conhecimento da verdade e mudam a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homens, aves, animais e quaisquer outras coisas, que são corruptíveis, tornam-se indesculpáveis e haverão de provar de sua própria injustiça (v. 21-26).

Desta forma, aqueles que, sob a capa do cristianismo, praticam atos de injustiça receberão o galardão da injustiça, ao passo que os que com fidelidade honraram o justo Senhor, estes terão o prêmio da retidão.

CONCLUSÃO

Como temos visto, Deus é reto no caráter e correto nas atitudes. Em Deuteronômio há a seguinte declaração: "**Ele é a rocha; suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos; Deus é fiel e sem iniqüidade; justo e reto é ele**" (Dt 32.4). Seu senso de justiça vai muito além daquilo que o entendimento humano consegue alcançar. Ele nunca pratica atos de justiça isolados do seu amor incondicional. Sua justiça é disciplinadora, retributiva e restauradora. Exceto àqueles que pecam de modo irreversível, ou seja, os indesculpáveis do texto bíblico estudado, sempre que a justiça divina se manifestar como castigo, a meta será a restauração, pois a retribuição e a disciplina visam exatamente isto. Afinal de contas, o Deus Santo e Salvador ama a quem castiga e castiga a quem ama.

EBD 12

18 de setembro

Deus é CONSOLADOR



Texto bíblico
João 14-16

Texto áureo
João 14.26

A cada dia mais, somos convencidos de que a fé em Deus além de conduzir a pessoa à cura espiritual, também a conduz nas dimensões mental e física. Deus se preocupa com o ser humano nos aspectos espiritual, mental e físico. Em tempo de lutas e perturbações, precisamos de consolo espiritual e mental. O Deus verdadeiro e justo, em todos os seus caminhos, é o Deus que amoravelmente toma-nos nos braços e nos consola nos tempos de aflição. Você tem sentido o consolo divino? Antes de se lançar ao estudo desta lição, você pode recordar e compartilhar alguma experiência significativa que teve ou está tendo com o Deus consolador?

O DEUS QUE HABITA E ESTÁ EM NÓS (Jo 14.15-19)

Há pessoas que ainda nutrem o pensar que o Deus das Escrituras, principalmente no Antigo Testamento, era por demais rígido e cruel. Quem pensa assim não conhece o Deus da Bíblia, ou tem uma visão equivocada dele. Desde Gênesis vemos um Deus sempre pronto a perdoar. Um Deus que, em função do seu muito amor, deixa-se misteriosamente mover pela oração do justo (Ez 22.30; Ex 33.12-17), compadece-se dos filhos que erram e consola os abatidos de alma. O profeta Isaías conclama com vigor a terra a celebrar o Deus consolador, dizendo: **"Cantai, ó céus, e exulta, ó terra, e vós, montes, estalai de júbilo, porque o Senhor consolou o seu povo, e se compadeceu dos seus aflitos"** (Is 49.13). O salmista declara que a lembrança dos justos juízos faz com que se sinta consolado: **"Lembro-me dos teus juízos antigos, ó Senhor, e assim me consolo"** (Sl 119.52).

No Novo Testamento, em especial no texto desta lição, encontramos Jesus fazendo a seguinte promessa: **"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco**

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – João 14.15-19
Terça – João 14.20-26
Quarta – João 14.27-31
Quinta – João 16.1-7
Sexta – João 16.8-14
Sábado – João 16.15-22
Domingo – João 16.23-33

para sempre". Ao usar a palavra "outro", quer dizer "alguém além de mim, mas como eu", isto é, "outro do mesmo tipo". Jesus desenvolveu o ministério do consolo. Aos cansados e sobrecarregados, ele convida dizendo: "**Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei**" (Mt 11.28). O Consolador a ser enviado por Deus iria substituir Jesus que estava prestes a encerrar o ministério salvador encarnado na forma humana. O Consolador estaria conosco para sempre, encorajando, dando forças, socorrendo, convencendo etc. Uma vez que a palavra grega para Consolador aponta para alguém "chamado ou designado" para estar "ao lado de", este outro Consolador não é ninguém mais, ninguém menos que o Deus que habita e está em nós. Esta conclusão vem pela fé. É uma promessa feita aos cristãos. Isto porque o Consolador por vir é "**O Espírito de verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e está em vós**" (v. 17). Aleluia! O Consolador habita em nós e estará conosco para sempre.

O DEUS QUE CONSOLA E CONFORTA (Jo 14.25-27)

Os discípulos estavam entristecidos, pois tinham acabado de ouvir uma palavra de Jesus sobre traição, separação e negação (Jo 13). De modo consolador, conhecendo-lhes o ânimo, Jesus lhes diz: "**Não se turbe o vosso coração**" (Jo 14.1). Como vimos no item anterior, Jesus informa a eles que iria para o céu, para preparar lugar para os seus, mas que não os deixaria sem a presença do Consolador que viria da parte do Pai, ato contínuo à sua ascensão. Os discípulos não ficariam órfãos (v. 18). O Senhor os conforta e consola dizendo-lhes que teriam uma viva experiência de fé, por meio da qual adquiririam a plena certeza de que o Deus vivo estaria diariamente ao lado deles (v. 19). Ao mesmo tempo, Jesus reafirma que a missão de conforto e consolo é restritiva. Isto é, ela será recebida por aqueles que amam a Deus e guardam a sua Palavra. A estes, Jesus, na forma do Espírito Consolador, se manifestará (v. 21). Na certeza confortadora de que em espírito, ou na pessoa do Espírito Santo (v. 17), Jesus estaria com eles, residia na experiência de que as palavras de Jesus estariam sendo confirmadas em suas vidas. Isto pelo fato do Espírito Santo "**que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito**" (v. 26).

Os discípulos estavam sendo conscientizados de que a paixão de Cristo não seria a frustração da esperança, mas o caminho da inequívoca, surpreendente e retumbante vitória sobre o pecado e a morte. Atentemos para o fato de termos hoje a história completa da paixão e da vitória de Cristo, mas os discípulos estavam vivendo a história que hoje temos completo conhecimento. Para eles que estavam vivendo um momento sombrio e de iminente perda, para eles que precisavam de uma palavra de consolo e conforto, para eles que não deveriam se perder no emaranhado de idéias sem sentido que poderiam surgir, Jesus dei-

xa algo que os consolaria e organizaria suas mentes nas dimensões física e espiritual: “**Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize**” (v. 27).

O DEUS QUE TRAZ ALEGRIA E PAZ (Jo 16.22,33)

Jesus sempre foi realista em seus ensinos. Diferente daqueles que fantasiam a vocação para o serviço cristão, Jesus coloca os discípulos frente a frente com os dissabores do ministério cristão (Jo 16.1,2). Os discípulos não deveriam se escandalizar, isto é, tropeçar ou perder a coragem diante dos sofrimentos. No versículo 33 é dito que no mundo teriam aflições. Seriam perseguidos, expulsos das sinagogas e poderiam perder a vida. Creio que isto era apavorante para os doze. Entretanto, Jesus lhes renova a promessa do Consolador. Este iria ensinar aos discípulos a como enfrentar as adversidades. Ao mesmo tempo, Jesus lhes informa sobre dois sentimentos que iriam ter em meio às aflições. Primeiro declara que teriam alegria. Alegria, neste caso, é mais que um sentimento passageiro; é um estado de alma permanente. Por mais paradoxal que pudesse ser, o Espírito Consolador concederia uma alegria inexplicável a eles em meio às maiores provações, perseguições e tentações. Jesus, segundo o escritor aos Hebreus, foi o exemplo deste paradoxo da alegria. Havia nele uma alegria muito grande ao pensar em todos que iriam crer no seu sacrifício. Nesta alegria ele reuniu forças para desprezar a afronta, suportar a cruz e se tornar vencedor. Esta alegria é inexplicável ao homem natural. Só o espiritual é que a conhece e a tem. A dor do parto é grande, mas a alegria de dar à luz suplanta a dor e dá ânimo à mãe (v. 21). Jesus termina dizendo que “**a vossa alegria ninguém vo-la tirará**” (v. 22).

O segundo sentimento a que Jesus faz menção é a paz. Em Filipenses 4.7, Paulo fala da paz que excede todo o entendimento. Jesus acalma os discípulos, dizendo da ação do Espírito Santo sobre eles, a fim de que tivessem paz. Este sentimento os abrandaria, os livraria das confusões mentais e os deixaria em condições de refletir sobre as dimensões sobrenaturais da fé e vida cristã. Em suma, o Consolador daria a eles alegria e paz em meio às maiores adversidades.

CONCLUSÃO

Jesus termina estas orientações sobre o Deus Consolador com uma palavra de estímulo e um exemplo de vida. Ele orienta os seus a terem bom ânimo. Isto é, ensina-lhes a que mantenham o foco. Jesus estava a dizer-lhes: não se deixem administrar pela fúria das adversidades. Mantenham-se em pé, firmes, não esmoreçam, pois eu venci o mundo.

Vem-me à mente uma parte da estrofe de um hino que diz: “Quando opresso eu me sinto sob um peso esmagador, é Jesus o amigo que eu quero ter”. Sim, ele é o nosso amigo, o nosso maior amigo, Deus Consolador em quem podemos confiar. Nele, somente nele, reside a nossa fonte de manutenção do bom ânimo.

EBD 13
25 de setembro

Deus é VIDA ETERNA

Texto bíblico
Mateus 25; Apocalipse 22

Texto áureo
Apocalipse 22.14

Na lição inicial deste trimestre, estudamos o conceito de "Deus vivo e eterno". Nesta última lição, estudaremos o tema "Deus é vida eterna". Como tem sido feito, começaremos conceituando vida eterna no Antigo Testamento, depois iremos ao Novo Testamento para ver o desenvolvimento do conceito em estudo, à luz dos ensinos escatológicos de Jesus. Inicialmente tente responder às seguintes perguntas: Como se entendia o conceito de vida eterna no Antigo Testamento? Que implicações há em tal conceito segundo os ensinos de Jesus?

DEUS É VIDA ETERNA

Encontramos no Antigo Testamento uma teologia em desenvolvimento. No tocante à vida futura, há dois momentos em especial. O primeiro está atrelado ao desenvolvimento do reino de Deus na terra. Era muito difícil para Israel bem como para os povos da época pensarem em algo além da vida aqui na terra, devido à visão concreta da vida. Tanto é que, por não saberem lidar com a sobrenaturalidade da vida, o primeiro conceito de lugar dos mortos (**sheol**) era indistinto, ou seja, todos os que morrem vão para lá, e isto era algo em que os hebreus não concentravam atenção. Outro exemplo disto é que Deus, mesmo sendo eterno, era conhecido por seus atos concretos. Conceitos de vida de Deus, o Deus presente, o Deus que age eram mais relevantes porque eram manifestos, tocados e sentidos. A história da relação entre Israel e Deus se dá num mundo cheio de ações concretas. A eternidade era um mistério que ia muito além da capacidade de entendimento do povo.

No segundo momento, começa a ser delineada a concepção de uma vida organizada após a morte, e os profetas

DIA A DIA COM A BÍBLIA

Segunda – Mateus 25.31-33
Terça – Mateus 25.34-46
Quarta – Mateus 25.37-40
Quinta – Mateus 25.41-43
Sexta – Mateus 25.44-46
Sábado – Apocalipse 22.1-5
Domingo – Apocalipse 22.6-21

foram de grande relevância reinterpretando a ação de Deus da história. Havia promessas que não se cumpriam na vida presente, bem como palavras de bênçãos ou castigo que também não se cumpriam. Isto trazia certo grau de questionamento para Israel. Daí, os profetas, iluminados por Deus, fizeram re-estudos sobre ações e intervenções divinas e viram que a história, como eles conheciam, não era suficiente para conter algo tão grande (ver "céus novos e nova terra" em Isaías 65.17). Somente a eternidade poderia conter a plenitude das palavras divinas. Com isto, toma forma definitiva o conceito do Deus Eterno que dá vida eterna. Portanto, em última análise, Deus é vida eterna porque é eterno.

O DEUS QUE JULGA (Mt 25.31,32a)

O modo de pensar a eternidade não deixaria de passar pelo conceito de soberania divina. O Deus eterno é senhor da história. Uma vez que nos seus projetos haverá um novo tempo (novo céu e nova terra), é lógico concluir que haverá um rompimento com a ordem atual para que uma nova ordem seja instalada. Lógico também é pensar que Deus mesmo comandará em sua soberania aquele momento de rompimento. É assim que entendemos conceitos proféticos como "o Dia do Senhor" e "Naquele Dia" (Am 5.18; Os 2.18). Será um tempo em que o bem e o mal terão um confronto guerreiro final, e Deus romperá e exterminará com o sistema perverso deste mundo.

No tempo de Jesus, o conceito de escatologia, a se cumprir além da dimensão histórica, já estava bem estabelecido, e dois modos de pensar eram básicos nesta escatologia: julgamento divino e universalidade do governo de Deus. O conceito de Deus nacional, cultivado durante séculos por Israel, dá lugar, na nova interpretação profética, ao conceito de um Deus soberano sobre todas as nações. Jesus, em seu sermão profético-escatológico (Mt 24 e 25), fala do poder divino de emitir juízo sobre todos os povos: "**Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações**". Como Senhor da história e como Senhor da vida, depois da história, pode julgar todos os povos de todas as épocas. Ele é o Deus que julga.

A SEPARAÇÃO ENTRE A VIDA E A MORTE (Mt 25.32b,33)

Como temos estudado, o Deus soberano é onisciente. Assentado no trono, o Deus que conhece todas as coisas, o Deus que é perfeitamente justo em seus juízos há de fazer separação entre os herdeiros da vida eterna e os herdeiros da morte eterna. O conceito de separação entre classes ou tipos de pessoas era bastante conhecido em Israel, bem como o entendimento da metáfora do lugar de honra para quem estivesse à direita e de desonra para quem estivesse à esquerda (Ec 10.2; Sl 16.8; 110.1). Acrescente-se também que o gado de muito valor (ovelhas) era costumeiramente separado daquele de pouco valor (cabritos). Ezequiel 34.11ss fala do pastor que recolherá suas ovelhas e as salvará, separando-as daquelas que não têm valor.

Diante do conhecimento prévio dos judeus sobre lugar de honra, lugar de desonra e sobre o conceito de separação, Jesus fala sobre o julgamento que ocasionará a instalação de um novo estado de coisas: "**e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda**" (v. 32b,33).

A ESPERANÇA DA VIDA ETERNA E A EXISTÊNCIA DA MORTE ETERNA (Mt 25.34-45)

A palavra de ordem no sermão escatológico de Jesus é "vigilância". Isto é ilustrado nas parábolas da figueira (Mt 24.32-44), do bom e do mau servo (v. 45-51), das dez virgens (Mt 25.1-13) e dos talentos (v. 14-30). Acrescente-se também que, em suas palavras exortativas sobre o juízo final, Jesus faz menção de boas obras (alimentar os famintos e sedentos, hospitalidade, vestir o despido e visitar os enfermos). Isto foi e ainda é conflitante para pessoas que acham que Jesus está enfatizando as boas obras como um fim em si mesmas. Entretanto, se tomarmos os ensinos de Jesus dentro de um contexto maior, veremos que tudo o que fala faz sentido. Por exemplo, no Sermão do Monte (Mt 5-7) Jesus salienta essencialmente o caráter do discípulo cristão. Isto é enfatizado em todos os seus ensinos. O caráter modificado faz com que as obras sejam relevantes, e obras relevantes apontam para caráter aperfeiçoado. Aplicando isto ao texto em estudo que fala sobre julgamento, quando Jesus discursa e ensina sobre boas e más obras, claro é que, diante de ensinos anteriores, ele tem em mente a motivação correta para se fazer boas obras. O que Jesus está a dizer é que boas obras não causam bom caráter, mas bom caráter sempre dá origem a boas obras. O julgamento sábio e justo do Deus sábio, onisciente e justo parte das motivações interiores para os feitos exteriores.

Em seu discurso, Jesus reafirma a esperança da vida eterna para os que tiveram o caráter mudado pela ação dinâmica do Espírito Santo, e a existência da morte eterna para os incrédulos, ou seja, aqueles que não permitiram que o Espírito Santo transformasse sua vida à imagem e semelhança do caráter divino. A estes últimos estão reservadas as trevas exteriores: "**E irão eles para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna**" (v. 46).

CONCLUSÃO

Deus é vida eterna e, por ser assim, todo aquele que nele crer tem a vida eterna. Meu desejo é que, após estes estudos, tenha havido um verdadeiro processo de transformação e confirmação de fé na vida do leitor. De uma forma ou de outra, todas as lições estudadas apontam para o passado (o que Deus fez), para o presente (o que Deus está fazendo) e para o futuro (o que Deus fará). Assim, com base nos relatos testemunhais das Sagradas Escrituras, permitamos que o "Deus que É" seja tudo em nós. Consintamos que ele molde o nosso caráter à imagem e semelhança do seu, santificando e justificando nossa vida. Somente desta forma estaremos eternamente com o Deus que é vida presente e eterna. Amém.